

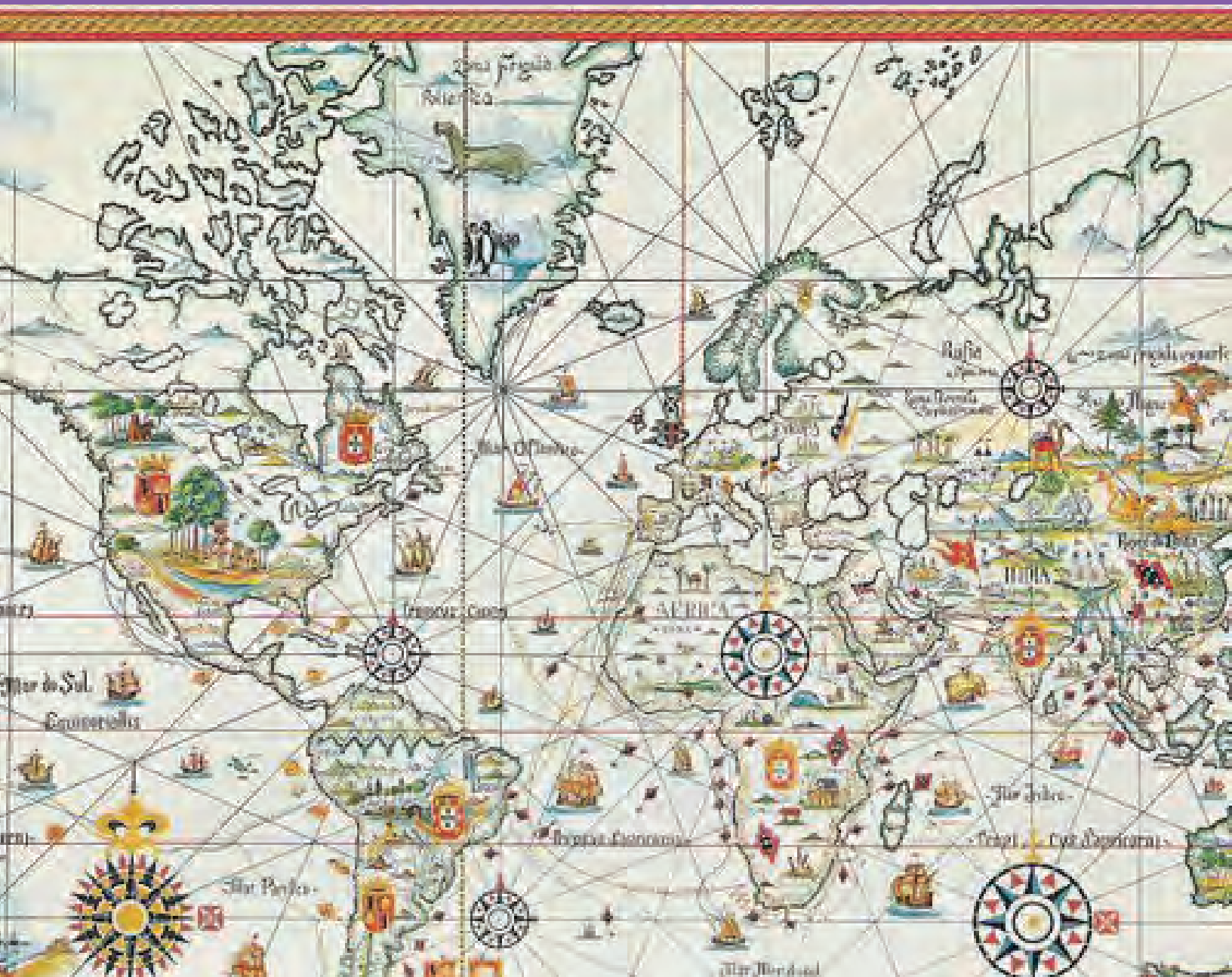
O CANTO DO MAR

Jornal Criativo em Língua Portuguesa

University of Wisconsin - Milwaukee
Department of Spanish and Portuguese

Editor:
Susana L. M. Antunes

SPRING 2020 - Nº 4



O Canto do Mar is the creative writing journal steered by Portuguese students and speakers in the Department of Spanish and Portuguese/UWM. Right revert to individual authors. Published material in *O Canto do Mar* is not to be interpreted as a reflection of the views of the Department of Spanish and Portuguese and/ or UWM.

Funding support credit to the CIE's Title VI National Resource Center grant from the U.S. Department of Education.

Dia Mundial da Língua Portuguesa - 5 de maio de 2020

Desde 2009 que no dia 5 de maio era comemorado o Dia da Língua e da Cultura Portuguesa, um dia instituído pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Pela primeira vez, em 2019, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) designou o dia cinco de maio como o Dia Mundial da Língua Portuguesa! Somos cerca de 260 milhões dispersos por cinco continentes que comunicam usando, as diferentes versões, da língua portuguesa.

É tempo de agradecer a todos os que têm contribuído, de várias formas, para que a língua portuguesa continue, cada vez mais, a ser uma língua também do mundo. São os que a aprendem, são os que a ensinam, são os que a escrevem, os que a cantam... somos todos nós que, num esforço coletivo e sem nenhuma espécie de fronteiras, nos congratulamos por sermos agentes ativos de um processo que congrega o coração e a língua portuguesa juntos. Desta união, surgem, visivelmente, diferentes formas de expressão - diferentes como os dedos das nossas mãos, como os nossos sorrisos e como os dias e as noites que nos acompanham. E, subjacente a esta diversidade que vibra em cada um de nós, reside também a diversidade da trajetória que acompanha a expressão em língua portuguesa, atravessando oceanos e transportando consigo uma essência que, para alguns, é como a derme que nos cobre e protege!

E, neste percurso, agradeço aos alunos de Português da UW-Milwaukee, os quais têm sido excelentes agentes de promoção da língua e da cultura de um imenso mundo! É com os alunos, com aqueles que já foram alunos e com os que não sendo alunos continuam ligados à língua portuguesa que *O Canto do Mar* tem sido possível! É para eles que *O Canto do Mar* toma forma física em cada primavera, surgindo com a cor por eles eleita!

O texto de RJ Hayes com que este número se inicia, é uma evidência de que, realmente, vale a pena investir na língua portuguesa. Por outro lado, quero também lembrar que no final deste canto surge uma rubrica intitulada “Passatempos ... em três tempos!!!”, a qual oferece a possibilidade de “aprender, brincando” em língua portuguesa! Como escreve Naomi Esquivel no seu texto: “No início, é muito difícil e pode nos cansar (...) No final, seu rosto de luta se torna um rosto de sorrisos.”

Tinham sido planeadas uma série de atividades na UW-Milwaukee para celebrarmos o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Não foi possível pelas razões que todos sabemos. Mas nem por isso cruzamos os braços. Na página *web* do Departamento de Espanhol e Português da UW-Milwaukee, está disponível um vídeo com projetos culturais desenvolvidos por todos os alunos de português ao longo do semestre, assim como se incluíram leituras de pequenos textos e poemas lidos por alunos e pela comunidade. Muito obrigada John Aponte pela compilação dos trabalhos!

E, *O Canto do Mar 4* também aqui está!

De novo e sempre, um muito obrigada a todos os alunos e colaboradores que, dentro e fora da UW-Milwaukee, têm tornado este sonho possível!

Divirtam-se!

Susana L. M. Antunes



ÍNDICE

De Português 101 até Microsoft, RJ Hayes	1
Haicais, Port. 204	3
A Amizade, Gerard McMullen	6
Amizade, Cristina Mercado	7
Palavras Portuguesas Preferidas, Port. 104	8
A Ameaça da Tosse, Monica Murphy	10
A Visita da Poeta Ana Luísa Amaral, Gerard McMullen	11
Apenas um Poema, Ayrton Pereira da Silva	12
A Arte e Sua Importância em Nossas Vidas, Amira Rupnick	13
a esperança, Giovanna Gobbi	16
A Minha Casa e a Comida no Ano de 2078, Ema Santos	17
Os Ritmos do Coração, John Aponte	18
Passos Simples para a Felicidade, Migena Tata	18
A Influência Portuguesa na Arte Macaense, Ryan Ammerman	19
Crescendo, Nia Wilson	21
Um Corpo no Mundo, Dalila Negreiros	22
Carnaval 2020, Josh Petrovish	23
Violência Doméstica no Brasil: Um Problema Crescente, Amira Rupnick	25
Willow Tree Shall Wallow, Naomi S. Phifer / Salgueiro Deve Desfrutar, Amira Rupnick (Trad.)	27
A Política Subversiva de Clarice Lispector em <i>A Via Crucis do Corpo</i> , Zachary Ferguson	28
Bate-Papo, Molly Hayes	32
Estrelas do Rio, Belinda Jennings	33
Isolamento, Quarentena, Nighthawks e Covid19, Daniel Marques	34
O Canto do Mar, Desirae Henry	41
A Vida, Eduardo Conceição	42

As Borbletas, Faith LeMay	43
O Novo Normal, Lindsey Naze	44
Ensinar, Molly Hayes	45
O Outono da Vida, Leonard Levenson	46
Oeste, Gonçalo Borges	47
A Importância da Poesia e da Literatura, Ryan Ammerman	49
“Cafezinha”, Darele Bisquerra	51
Cabo Verde, Blanca Munoz	52
Elegia dos cínicos, Manuel Zelada Pierrend	53
Virémia, Manuel Zelada Pierrend	54
Uma pequena seleção de enigmas alimentares, Mark Hanson	55
Caixões & o DOW, Rachel Urbano	56
To Live is to Understand, Julian A. Phifer / Viver é Entender, Amira Rupnick (Trad.)	57
Port. 360 - Criação de Azulejos, Ryan Ammerman	58
Criação, Darele Bisquerra	65
Respiro de Verão, Darele Bisquerra	66
Uma Mosquinha na Parede, Monica Murphy	67
Uma diversão, Susan H. Brody	68
Os Meus Desportos, John Aponte	69
_____ Vanessa Reuter	70
A Escolha de..., Emili Ruder	71
Pensamentos, Port. 104	72
Bossa Azul, Darele Bisquerra	73
Inês Nunca Morreu, Isabelle M. Kalmer & Thiago da S. Gomes	74
Estudar Português é Como Fazer Exercício, Naomi Esquivel	77
Passatempos... em Três Tempos!!! Susana L. M. Antunes	78

De Português 101 até Microsoft

4 de maio, 2020



Como as aulas de português influenciaram minha carreira

Uma década de ensino de português

Eu nunca imaginava que português ia influenciar minha vida tanto, mas antes de explicar, vou falar um pouco sobre mim, meu nome é RJ Hayes e faço parte de uma família grande. Devo dizer que não somos brasileiros, nem portugueses, nem cidadãos ou descendentes de países lusófonos. Sou uma parte francês, uma parte irlandês e uma parte boêmio. Digo isso só para dizer que, na hora em que decidi aprender, ninguém na minha família falava português.

Talvez esteja pensando agora, então como você fala português e por quê? Nesse artigo, gostaria de falar um pouco sobre minha jornada e como a língua de portuguesa dirigiu, e continua a dirigir, meu caminho.

Vamos voltar uma década atrás, para agosto de 2010, eu estava na orientação de “freshmen” na Universidade de Wisconsin – Madison. Eu tinha que escolher algumas aulas para matricular. Eu não fazia ideia do que eu queria estudar. Eu estava olhando um livro de opções para aqueles na mesma situação como eu, que não sabiam o que queriam estudar. Vi uma opção para escolher um “pacote” de aulas sobre a língua, a história e a sociedade do Brasil. Fiquei interessado...

Decidi matricular nessas aulas e vou dizer que foi a melhor escolha da minha vida. Eu não fazia nenhuma ideia, na hora de matricular, a aventura em que português ia me levar. Depois de um semestre de português na UW-Madison, eu fiquei apaixonado pela língua. Minha professora, Jackie, era tão animada e divertida. Eu continuava com as aulas de português. Depois de dois anos a estudar português, eu fiz intercâmbio universitário na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte, Brasil. Todo amor que tinha pelo português e pela cultura brasileira multiplicou mil vezes em BH. Eu estudava antropologia e sociologia e fiz novas amizades com as pessoas da minha turma.

“Eu não fazia nenhuma ideia, na hora de matricular, a aventura em que português ia me levar.”

Foi lá em Belo Horizonte que ganhei a confiança para falar português sem vergonha. Se você está tentando melhorar seu português, recomendo passar um tempinho num país lusófono – você vai ficar chocado com os resultados.

Meu visto de estudante para ficar no Brasil era válido por 365 dias, e eu fiquei 364. Eu só tenho lembranças boas do Brasil, da UFMG e dos meus amigos brasileiros. Para mim, esse foi o “ponto sem retorno.”

Voltei para os Estados Unidos para terminar mais um ano de graduação na UW-Madison. Eu estava gostando das minhas aulas de português e queria continuar aprendendo. Então fiz inscrição para o mestrado de literatura portuguesa na UW-Madison. Fiquei muito feliz quando fui admitido no programa.

Esses dois anos do mestrado seriam o maior desafio da minha experiência com a língua portuguesa. Eu fui desafiado a analisar português de uma maneira nova e mais profunda. Eu não podia ler só para diversão, eu tinha que ler e mergulhar nas mensagens e no simbolismo atrás das palavras físicas. Não vou mentir, havia momentos que eu queria desistir, mas no final das contas, eu me senti em casa aprendendo português e meus professores eram incríveis, então eu fiquei.

Quando eu estava no último ano do mestrado, eu pensava nas maneiras em que eu podia continuar a usar meu conhecimento de português, mas não num ambiente acadêmico. Eu decidi fazer inscrição para o Corpo da Paz (Peace Corps) para trabalhar num país luso-africano. Para vocês quem não conhecem o Corpo da Paz – é uma organização do governo americano que manda voluntários para partes do mundo em desenvolvimento para fazer trabalho humanitário por dois anos nos setores de educação, da saúde, da agricultura e do desenvolvimento juvenil. Eu fui aceito para ser professor de inglês em Moçambique.

Moçambique foi colônia de Portugal até 1975, então a língua oficial é o português. Eu fiquei lá durante dois anos, dando aulas de inglês, mas fazendo muitos outros projetos, tudo em português.

No meu retorno em 2018, eu estava procurando um novo emprego. Não sabia o que queria fazer, nem quem queria me contratar. Para minha surpresa, eu fiquei sabendo que a empresa da Microsoft tinha uma nova vaga para alguém ser o recrutador em universidades do Brasil. Entre alguns pré-requisitos, essa pessoa tinha que saber falar português.

Eu fiz a inscrição e fui contatado pelo recrutador. Depois de 6 entrevistas (uma em português com alguém no Brasil) eles me ofereceram o emprego. Agora, eu sou o recrutador e eu trabalho com as maiores universidades no Brasil durante o ano inteiro.

Se você está apaixonado, seja por uma língua, uma arte, um passatempo, uma ciência aleatória – por favor, não desista por causa dos outros. Tantas vezes na minha carreira, pessoas me perguntaram: “O quê vai fazer com português?”

Eu nunca tinha uma resposta certa para eles, mas eu sentia, no meu coração, que algo ia dar certo. Então espero que você também possa seguir a mensagem do seu coração e não seguir as opiniões/dúvidas dos outros.

HAICAIS

Chocolate é bom!
Jovem e velho comem.
Doce popular.

John Aponte - Port. 204

Dentro da casa
Sento; não posso sair
Coronavírus!

Leonard Levenson - Port. 204

Tempo tem medo
Tempo é feliz também
Tempo tem tudo.

John Aponte - Port. 204

Às vezes acho
Que eu nunca vou sair
Coronavírus!

Leonard Levenson - Port. 204

Língua materna
Janela da cultura
Traço da alma

Ryan Ammerman - Port. 204

Escritório
Outra cadeia hoje
Coronavírus!

Leonard Levenson - Port. 204

Todos Nascidos
de Poeira Estelar
Iluminante

Ryan Ammerman - Port. 204

Nenhuma festa
Nenhum concerto também
Coronavírus!

Leonard Levenson - Port. 204

HAICAIS

Nem casamento
Nem funeral (agora)
Coronavírus

Leonard Levenson - Port. 204

a cor do céu não
afeta a coragem
das enfermeiras novas

Darele P. Bisquerra - Port. 204

... da blusa azul
à verde, para distinguir
que dia seja!

Darele P. Bisquerra - Port. 204

veja a fila
de gente procurando
alimentos!

Darele P. Bisquerra - Port. 204

por quanto tempo
ficaremos atrás das
portas fechadas?

Darele P. Bisquerra - Port. 204

da minha casa,
o mundo lá fora é
uma ilusão

Darele P. Bisquerra - Port. 204

na quarentena
a saúde, ansiou
pela solidão

Darele P. Bisquerra - Port. 204

é incómodo, é
difícil, não perceber
o futuro

Darele P. Bisquerra - Port. 204

HAICAIS

xicara de água,
o recado limpo no
tempo do vírus

Darele P. Bisquerra - Port. 204

Eu quero sair de casa
Eu estive dentro por
muito tempo; agora
Preciso sair de casa logo

Tomas Jeronimo - Port. 204

palavra gentil,
uma suave brisa na
era do vírus

Darele P. Bisquerra - Port. 204

Nós dançamos aqui
Nós nos divertimos
É muito bom ser jovem

Emily Ruder - Port. 204

o beija-flor e
o meu coronamigo
iridescente

Darele P. Bisquerra - Port. 204

O corpo na areia
Contato disso
Eu amo na praia

Emily Ruder- Port. 204

lembro a minha
sogra esfregando para
impedir o pó

Darele P. Bisquerra - Port. 204

Estamos tristes,
estou presa por dentro.
Hoje esta preto.

Faith LeMay - Port. 204

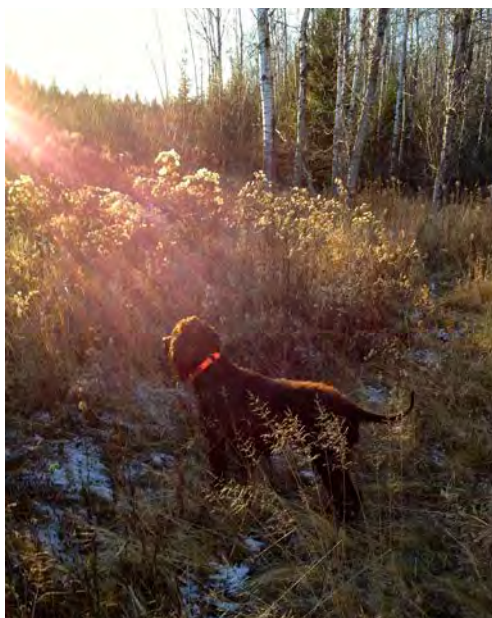
A Amizade

O haiku diz que “a amizade é um amor que nunca morre.” Eu não sei. Não tenho certeza de que seja verdade. Quando somos jovens, pensamos que as amizades são a coisa mais importante em nossas vidas. Mas sempre me lembro de meu pai me dizendo que “teus amigos vão e vêm, mas tu sempre terás tua família para sempre.” Eu acho que ele estava certo. Mas também acho que as amizades dentro das famílias são diferentes e mais intensas.



Meu irmão John sempre me diz que nossos pais eram seus melhores amigos. E eu pensei que eu era o melhor amigo dele. (Obrigado, John!) Mas eu o entendo perfeitamente. Eu estava particularmente perto de minha mãe quando ela estava viva. Talvez essa tenha sido a causa de seu carinho por nós e seu amor incondicional. Eu não sei. Mas sei que podia confiar nela. Eu poderia conversar com ela por horas tomando xícaras de chá. Ela era tão interessante! Mas agora ela está morta. Penso nela sempre que tomo chá. Eu acho que você poderia dizer que meu amor por minha mãe, nossa amizade, nunca morreu. Mas não já não é o mesmo.

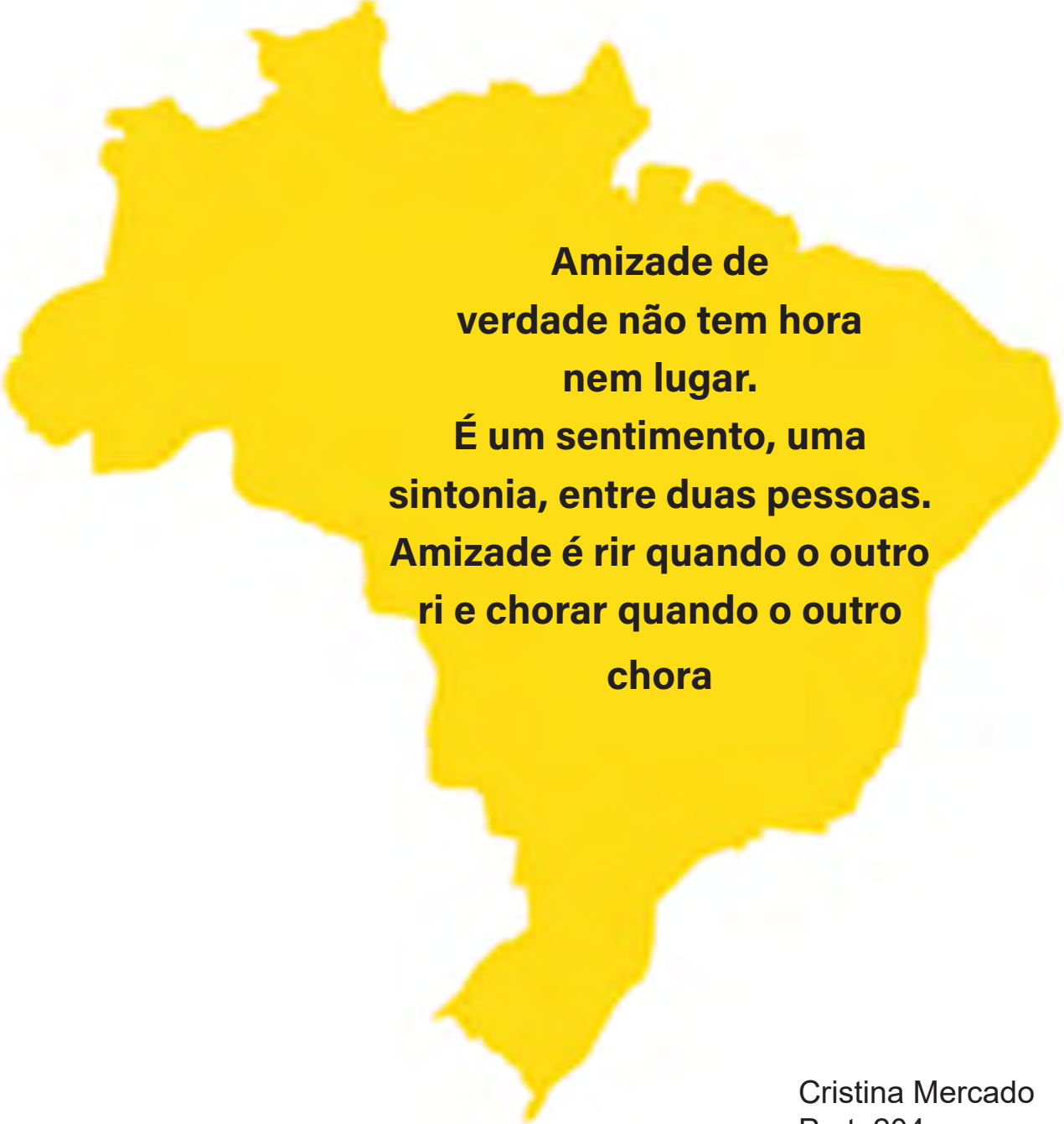
E o “melhor amigo do homem?” Eu certamente amei meu cachorro antes dele morrer. Eu ainda o amo. Minha esposa sempre dizia que eu amava aquele cachorro mais do que eu a amava a ela. Eu nunca soube o que dizer quando ela dizia isso porque eu estava com medo de que pudesse ser verdade. (Graças a Deus ela não lê português!). Mas eu também amo minha esposa. Ela é minha parceira com quem compartilho os momentos felizes e difíceis.



Mas, como meus pais, meu cachorro, CuMara, está morto. Eu ainda amo todos eles, e nossa amizade continua a viver além da morte. Mas não é a mesma coisa. Isso é mais do que amizade: isso é amor. No final, tenho que concordar com meu pai. Eu tive e ainda tenho muitos amigos na minha vida. A maioria dos meus “amigos” parecem não fazer mais parte de minha vida. “Amizade” não parece durar para sempre. Mas eu creio que o amor, e somente o amor, dura para sempre. E acredito que o amor sobrevive à morte e verei minha esposa, meus pais, minha família e, é claro, CuMara, novamente. Essa é a minha esperança!

Gerard McMullen, Port. 204

Amizade



**Amizade de
verdade não tem hora
nem lugar.
É um sentimento, uma
sintonia, entre duas pessoas.
Amizade é rir quando o outro
ri e chorar quando o outro
chora**

Cristina Mercado
Port. 204

Palavras Portuguesas Preferidas...

Minha palavra preferida em português é “**onipresente**”. Porque, a palavra é linda em todas as línguas, e o significado é muito lindo.

Lindsey Naze, Port. 104

Minhas palavras favoritas em português são “**camisa**” e “**sim**”. Gosto dessas palavras porque as uso muito. Eu também gosto de como elas soam (e que eu posso pronunciá-las adequadamente).

Billy Dan, Port. 104

Minha palavra favorita é **janeiro**, porque me lembra minha estação favorita, o inverno. Eu também gosto porque é o meu mês de nascimento. Também porque me lembra a minha cor favorita, azul.

Stephany Castaneda, Port. 104

Minha palavra favorita em português é **abacaxi**. Gosto dessa palavra porque é divertido dizer. Abacaxi fresco é muito delicioso para comer. Eu adoro muitas maneiras de prepará-lo no Brasil. Ceviche com abacaxi e frutos do mar é muito bom. Em casa, em Wisconsin, gosto de comer abacaxi grelhado com molho de mel.

Belinda Jennings, Port. 104

Minha palavra favorita em português é “**saudades**”. Quando falo com meus amigos da Colômbia e do Brasil, sempre dizemos: “Tenho saudades de você.” Eu também digo: “Tenho saudades do Brasil.” Acho que é uma palavra linda.

Maia Diedrich, Port. 104

Palavras Portuguesas Preferidas... (cont.)

Minha palavra favorita em português é **abóbora**, porque é uma palavra boa. Abóboras me lembram o outono.

Migena Tata, Port. 104

Minha palavra favorita em português é cachorro. Eu escolho essa palavra porque é divertido dizer. Eu também gosto da palavra abacaxi pela mesma razão.

Desirae Henry, Port. 104

Minha palavra preferida é **puxa!** Puxa é uma palavra e uma expressão perfeita pra muitas situações. No Inglês, significa "Wow!". Como "Wow," podemos usá-la quando algo emocionante acontece ou quando algo ruim acontece também. Puxa! Apesar de eu não ter que ir para a aula, eu não posso fazer nada divertido por causa do vírus! Puxa!

Naomi Esquivel, Port. 104

A minha palavra preferida é chuva. Eu gosto da palavra "chuva" porque eu amo quando chove. Chuva faz a atmosfera muito calma e bonita.

Dahyembi Neal, Port. 104

Eu escolhi a palavra futebol, porque toda a minha vida joguei futebol. É o meu melhor passatempo. É como a minha rota de fuga sempre que estou estressado ou entediado.

Luis Dimitri Piceno, Port. 104

A Ameaça da Tosse

Eu acordo ao tossir do meu pai
Ele pára,
E tosse.
Ele pára,
E tosse.

É como se sua respiração soasse como um latido
Os seus pulmões ansiassem o ar
O seu suspiro quisesse parar

E de repente,
Está dormindo
E não ouço nada.

Mas eu fico nervosa

Ele morreu?
Ou será que está dormindo de verdade?

Será que não vai parar de tossir?
Que não vai melhorar?

É por causa de Murphy azar?
Que a vida dele é assim?
Que ele sofre assim?

O que Deus tem para ele?
E para mim?

O que Ele me diria
Se a Sua voz eu pudesse ouvir?
Mas ouço sim
Me diz que eu tenha que estar ao lado do meu pai
Assim como Deus está ao meu.

Entretanto
Espero que essas tosses do inferno saiam daqui



<https://www.judithgahnmurphy.com/>

Monica Murphy

Uma Visita da Poeta Portuguesa Ana Luísa Amaral

No dia 15 de outubro, graças ao Departamento de Espanhol e Português, a comunidade da UWM recebeu o carinho da uma das principais poetisas de Portugal, Ana Luísa Amaral. Ela foi professora da Universidade do Porto e é Co-Diretora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Ana Luísa Amaral é uma poeta premiada, tendo recebido o Grande Prémio de Poesia de 2008 (Associação de Escritores Portugueses). Desde a publicação de seu primeiro livro de poesia em 1990, *Minha Senhora de Quê*, ela publicou mais de 17 livros de poesia que foram traduzidos para 20 idiomas diferentes.

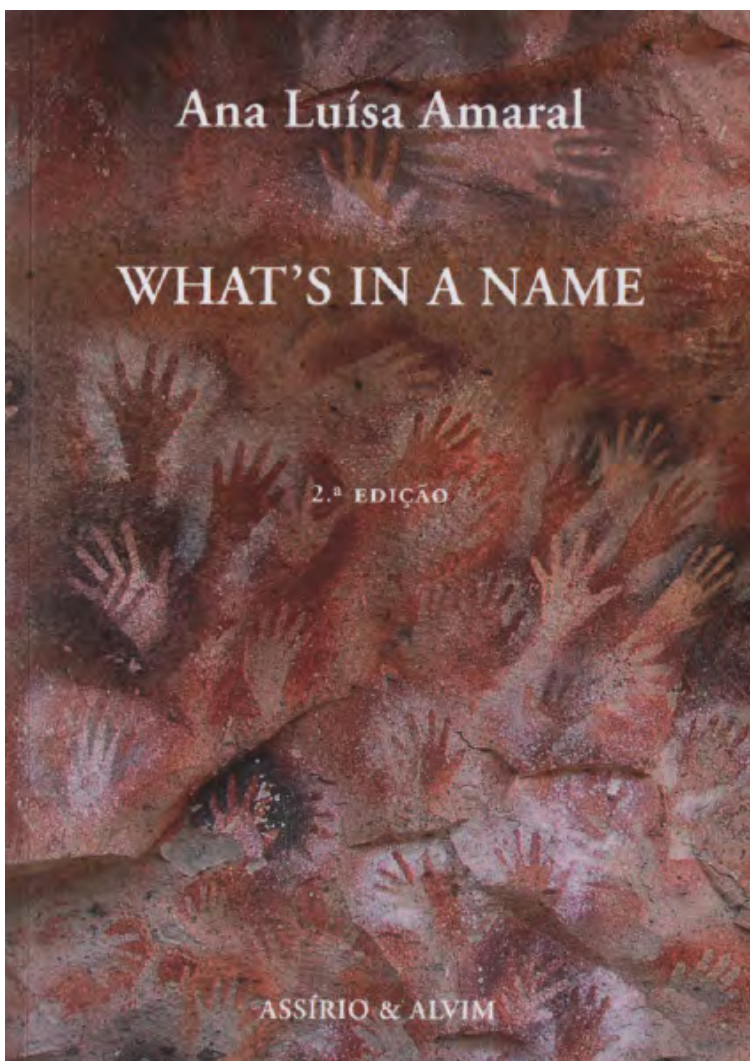
Ela compartilhou poemas conosco do seu novo livro novo de 2019, publicado pela New Directions, *What's in a Name*. O título, em inglês, apresenta uma linha de *Romeo and Juliet*, de William Shakespeare. Os seus poemas são apresentados em português e inglês, com as excelentes habilidades de tradução de Margaret Jull Costa. A própria Ana Luísa Amaral é tradutora de poetas americanos e ingleses, prin-

cipalmente Emily Dickinson. Para o benefício dos estudantes de tradução, ela falou de maneira encorajadora dos desafios da arte da tradução.

A poesia de Amaral transforma o cotidiano em diamantes literários. Sua poesia é um referencial da literatura, da cultura e do mito. Mas para Amaral, a poesia é física – é paixão. E na espontaneidade da vida quotidiana, ela encontra joias brilhantes de paixão e poesia.

Durante sua visita, ela compartilhou conosco a sua paixão pela poesia e pela língua portuguesa. Eu gostei muito e quero mais!

Gerard McMullen, Port. 204



Apenas um Poema

É apenas um poema, nada mais,
e como tal só feito de palavras.

Asa de anjo, ninho de andorinha,
cor de ventura, furta-cor da morte...

É um poema que fala de amor,
do lado escuro e amargo do rancor.

Cheiro de lenha no fogão antigo
que acordava a luz do sol raiado.

Um riso franco da perdida infância
na eternidade falsa de um retrato.

É um poema armado até os dentes
sem arma alguma de explosão ou corte
nem peso algum na face do papel.

Este poema tateia no escuro,
batendo sem defesa contra o muro.

É um poema de silêncio e nada,
e por não existir, sua leitura
talvez seja um engano dos sentidos,
uma ilusão de ótica, um delírio.

Este poema vazado de assombros,
de sentimentos vagos como os sonhos,
fez-se somente da matéria etérea
de que se tece o ar que respiramos.

Ayrton Pereira da Silva
julho, 10, 2015

A Arte e sua Importância em Nossas Vidas

No semestre passado, tive a honra de participar de uma aula sobre As Artes Visuais no Mundo Lusófono. Aprendemos sobre as diversas formas de arte e até sobre coisas que normalmente gente não consideramos arte; essa aula nos insinuou que há arte em tudo. Também descobrimos nesta classe que muitos dos alunos tinham uma paixão especial pela arte. É nesta classe que eu conheci meus colegas de classes na época, Trey e Megan. Toda pessoa tem sua própria paixão, que é única para eles mesmo. Algo que eles se conectam, algo que eles entendem, algo que eles traz alegria. Pessoas de todo o mundo têm esses talentos. Seja cantando, escrevendo, desenhando, pintando e muito mais. Eu entrevistei alguns dos meus colegas da minha aula de artes visuais, Trey e Megan. Eu queria entender de onde veio sua paixão pela arte.



Obras de Trey Savage

Amira Rupnick: Quando que você percebeu que a arte era sua paixão?

Trey Savage: Eu percebi que a arte era minha paixão quando eu estava na escola primária. Eu sempre amei desenhar e pintar desde que eu estava na pré-escola.

Amira Rupnick: Qual é seu tipo de arte favorito e porquê?

Trey Savage: Meu tipo favorito de arte favorito é o retrato, porque gosto de incorporar detalhes intrincados em meu trabalho. O retrato é uma ótima maneira de praticar isso.

Amira Rupnick: O que inspira você a criar arte?

Trey Savage: O que me inspira a criar arte é ver o trabalho de outros artistas, bem como o apoio que recebo da minha família e amigos.

Amira Rupnick: Qual a mensagem que você sempre inclui em suas obras de arte?

Trey Savage: Muitas vezes, não tenho conceitos profundos atrás do meu trabalho. No entanto, sempre que faço colagens, costumo incorporar mensagens sociais que incluem suicídio, identidade e temas musicais, entre outros.

Amira Rupnick: Pode dizer o nome de um artista que você admira?

Trey Savage: Eu tenho alguns artistas favoritos, incluindo David Lenz (um ex-aluno da UWM), Kehinde Wiley, Kerry James Marshall, Picasso, Henrique Medina, etc. Eu também sigo muitos artistas no Instagram.

Amira Rupnick: Se você pudesse conhecer um artista, quem seria e porquê?

Trey Savage: Se eu pudesse conhecer um artista, acho que teria que ser David Lenz, pois ele também vive no estado do Wisconsin. Eu gostaria de ver o trabalho fotorealista de perto.

Como eu disse antes, na UW-Milwaukee, temos muitos alunos com talentos muito diferentes. É o que torna esta escola tão especial: estar cercado de pessoas com tipos diferentes de paixões e passatempos. Como mencionei antes, o mundo está cheio de pessoas talentosas em todas as atividades diferentes. Entrevistei meu colega Trey e pudemos ouvir sobre sua paixão pela desenhando e pintando. Agora, ouvimos a minha colega Megan Lynn Fay e sua paixão pelo canto e pela música.

Amira Rupnick: Quando que você percebeu que cantar era sua paixão?

Megan Fay: Eu sempre fui cantora, desde que me lembro! Minha mãe gosta de lembrar quando eu tinha apenas alguns anos cantando as letras das músicas de Martina McBride no carro. Ela diz que nunca soube como eu poderia segurar as notas musicais de Martina sendo eu tão pequena! Só comecei a ter aulas aos 16 anos, mas eram aulas muito casuais, realmente apenas por diversão. Quando eu tinha cerca de 22 anos, comecei a ter aulas com minha atual professora de canto, Wendy Rowe. Aí foi quando minha paixão realmente ficou séria. Eu decidi mudar de Madison para Milwaukee e seguir meu instrutor de voz para estudar academicamente. Para mim, não há nada melhor no mundo do que cantar e isso me traz muita alegria.

Amira Rupnick: Qual é o seu gênero favorito e porquê?

Megan Fay: Meu coração está com a música clássica e é o meu estilo favorito. Eu acho isso desafiador e revigorante. Também adoro explorar histórias de músicas que foram escritas há muito tempo, mas que ainda são tematicamente relevantes hoje.

Amira Rupnick: O que te inspira a cantar?

Megan Fay: Sou inspirada a cantar por tudo na vida: dor, alegria, sucesso, fracasso, raiva. Sinto que o canto e a música me permitem expressar de maneira autêntica e sincera, para a qual as palavras por si só não são suficientes.

Amira Rupnick: O que cantar significa para você?

Megan Fay: Cantar é tudo! Não consigo ver minha vida sem o canto.

Amira Rupnick: Quem é o cantor que você mais admira?

Megan Fay: Essa é uma pergunta muito difícil, porque sou inspirada por muitos cantores por muitas razões diferentes. Classicamente, eu sou muito inspirada pela minha professora de voz. Ela teve uma carreira fantástica atuando e agora está compartilhando sua sabedoria, conhecimento e amor pelo canto com seus alunos. Ela é incrível. Para estilos pop, Whitney Houston sempre foi um dos meus maiores ídolos. Lauren Daigle, uma artista cristã de rock, e Sara Bareilles são artistas que realmente me inspiram, e também são autores de letras de músicas muito interessantes.

Amira Rupnick: Se você pudesse conhecer algum cantor, quem seria e porquê?

Megan Fay: Como eu respondo isso? Honestamente, agora provavelmente Lauren Daigle. Ela tem essa autenticidade incrível e crueza no seu som. Ela é capaz de colocar tanta emoção em suas palavras e me levar nessa jornada ao longo de sua música. É realmente refrescante ouvir a esperança em sua mensagem.

É muito importante conhecer pessoas, especialmente seus colegas. Conseguir entrevistá-los me fez entendê-los melhor, tendo tido a oportunidade de ouvir suas profundas paixões. Eu fiquei a saber mais sobre eles e sobre seu amor pelo canto e pela arte. Conhecer suas paixões foi muito importante, mas também foi muito interessante para mim descobrir os detalhes e entender por que eles são apaixonados por aquelas artes - o que os levou a cantar ou o que os levou a desenhar e a pintar, por que começaram a cantar ou a pintar e desenhar e quem os inspirou. Isso nos dá uma melhor compreensão das pessoas ao nosso redor e nos permite conectar com elas. Estamos tão acostumados a ficar com nossos colegas durante a aula, mas nunca temos a oportunidade de os conhecer. Essas entrevistas me permitiram saber mais sobre eles, mas também me fizeram perceber que temos muito em comum. Por exemplo, eu adoro cantar desde criança. Então, ter sabido que para Megan também é assim, foi mesmo muito interessante! Você nunca percebe quanto em comum você tem com as pessoas ao seu redor, até chegar ao momento em que as pode conhecer melhor.

Amira Rupnick, Port. 699

a esperança

**um dia desafiou a janela
o quarto cheio de entulhos
troços trouxas até o teto
casulo em pupa**

**era visita
que tomei por intrusa
lamento até hoje
de medo lhe roubei o ar**

**tão bonita
em prismas
sobre a cama
se extinguiu**

**jamais minha casa
outra esperança invadiu.**

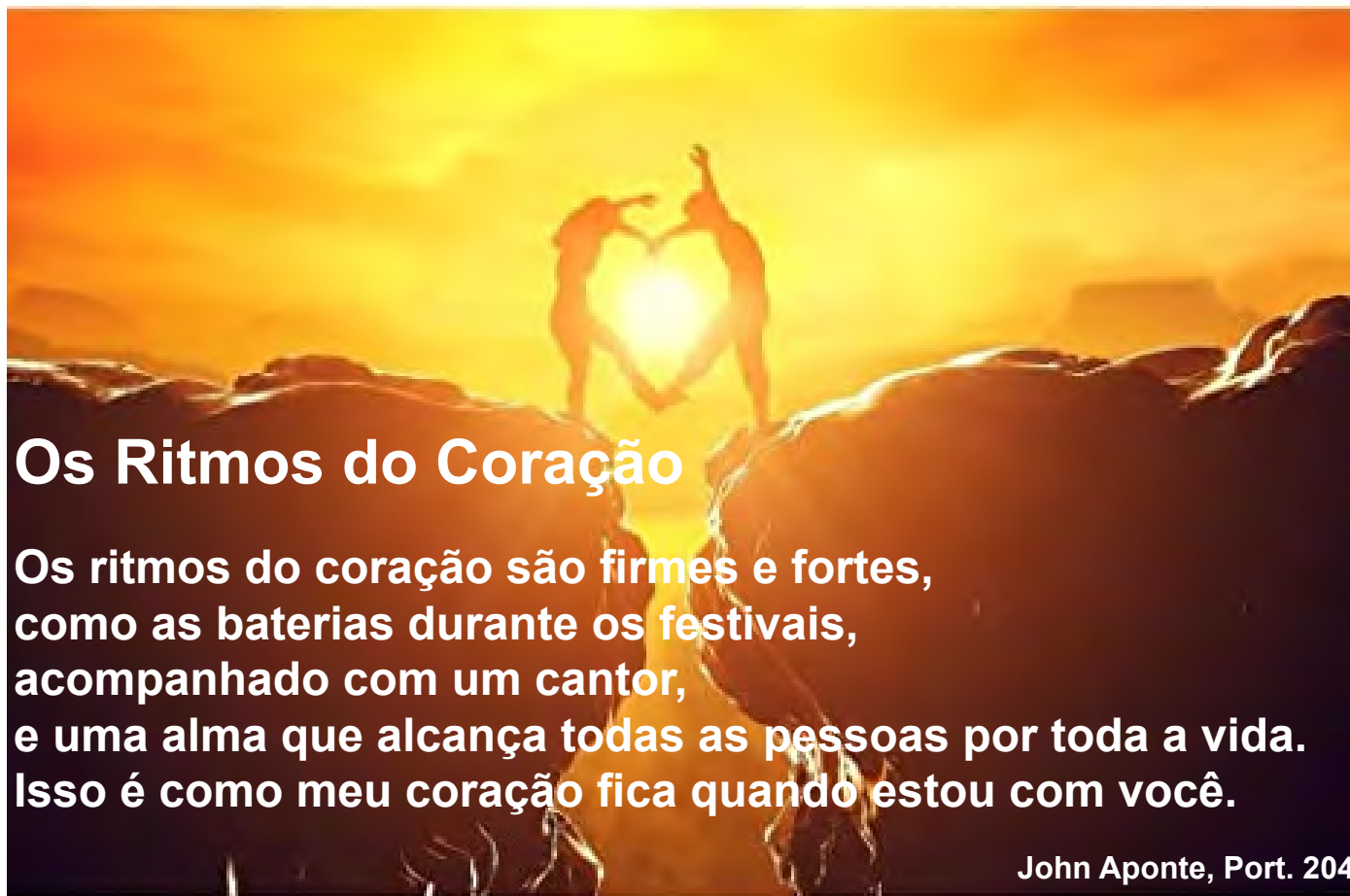
Giovanna Gobbi
Doutoranda em Literatura Brasileira
Universidade de São Paulo (CNPq/Fulbright)

A Minha Casa e a Comida no Ano de 2078

No ano 2078 eu terei quase cem anos, mas eu terei uma casa pequena e morarei com os meus gatos, cachorros e possivelmente outros animais. A minha casa terá dois quartos de cama, para as pessoas que gostariam de visitar-me. O meu quarto de cama terá uma cômoda, um armário, uma lâmpada e uma mesa de cabeceira. A minha casa também terá duas casas de banho, uma sala de estar com uma televisão grande, uma cozinha pequena onde eu prepararei o bolo de laranja de Susana. Também eu terei um jardim com flores e muitos pássaros. Eu terei um quintal grande onde os meus animais jogarão todos os dias.

Eu gosto de todos os alimentos, mas eu acredito que no futuro eu não poderei comer as coisas que como agora porque serei muito velha. Eu comerei bananas e outras frutas doces. Eu cozinharei batatas e arroz para o almoço, diferentes tipos de sopas e comerei geleia para a sobremesa. Logo, na tarde, eu comerei legumes para o jantar.

No ano 2078 não existirão os mercados porque tudo será ligado na Internet. As frutas não serão frutas verdadeiras, mas elas serão produzidas por máquinas. Os alimentos serão diferentes porque eles serão produzidos em laboratórios e a água também. Tudo será muito mais caro, mas existirão alimentos rápidos e as pessoas não precisarão de os cozinhar. Você será capaz de comer os pratos, os garfos, os guardanapos e os copos porque eles serão comestíveis. Os objetos na mesa serão comestíveis porque a água vai desaparecer e você não poderá lavar as coisas.



Os Ritmos do Coração

Os ritmos do coração são firmes e fortes,
como as baterias durante os festivais,
acompanhado com um cantor,
e uma alma que alcança todas as pessoas por toda a vida.
Isso é como meu coração fica quando estou com você.

John Aponte, Port. 204

Passos simples para a felicidade

Beba água todos os dias.

Beba café.

Faça exercício.

Seja paciente.

Seja grato por cada dia.

e sorria



Migena Tata, Port. 104

A Influência Portuguesa na Arte Macaense

Como já sabemos, o império português, quando existia, tinha muitos territórios através do globo. Tocou em quase todos os continentes e, como resultado, teve uma influência forte e notável nas culturas daqueles territórios. A China não é uma exceção a regra, especificamente Macau, uma região administrativa da China.

Podemos dizer que hoje em dia a ideia de império português ainda desempenha um papel presente nas línguas, nas tradições e, claro, na arte deste lugar bem único. No dia 20 de dezembro de 1999, Portugal renunciou à sua última colônia depois de 442 anos de colonização. Macau foi a última colônia europeia na Ásia. Até hoje, Macau é conhecido por ter um bom equilíbrio entre o oeste e o leste, refletido em quase todos os aspectos da vida cotidiana. Tenha cuidado para não negligenciar estes aspectos únicos de Macau através das lentes de frequentadores de casinos, porque Macau é muito mais do que só um lugar para passar férias.

Por exemplo, na arquitetura, podemos ver que a cidade ainda mantém influência portuguesa no design de Macau. Não é incomum ver muitos prédios neoclássicos, com ênfase nas cores pastel como rosa, amarelos, verdes e azuis, que foram construídos durante a época da colonização. De fato, a Praça do Senado constitui uma boa representação da mistura cultural que vemos hoje, com muitos edifícios surpreendentemente vibrantes. É um lugar bem pitoresco e não existe nenhum outro lugar na Ásia como esse.

Outros edifícios que se destacam em Macau e que refletem também uma energia portuguesa são as igrejas e as fortalezas. Uma igreja, conhecida como as Ruínas de São Paulo, (que hoje em dia não são usadas como local de culto), bem popular em Macau, é considerada uma das sete maravilhas da origem portuguesa do mundo. Foi construída durante o século XVII e o uso de pilares, o simbolismo católico e as imagens religiosas são detalhes que são distintamente europeus. Na Fortaleza do Monte, detalhes parecidos podem ser percebidos, como a entrada decorada com esculturas em pedra e uma grande escadaria de essência europeia que reflete os estilos artísticos das pessoas que estavam vivendo lá quando foi inicialmente construída.



Exemplo de design marítimo

Na Praça do Senado, assim como em outras partes de Macau, também podemos ver o pavimento em mosaico ondulado de estilo português nas calçadas, que foi construído no início dos anos 90, quando a área foi declarada uma zona apenas para pedestres, para acomodar o sempre crescendo número de turistas que visitam a praça. Originalmente, estes padrões foram feitos de pedaços de cerâmica quebrada de navios de marinheiros e, hoje em dia funcionam, de alguma forma, como uma cápsula do tempo, das tradições e designs do passado. Não é só nas calçadas que estes desenhos



prevalecem, mas também em outros prédios históricos e jardins. Estes padrões são bem famosos e icônicos por não só representarem designs clássicos, mas também retratam imagens de animais, navios e a vida rabiscada nas calçadas portuguesas. As cores mais comuns nestes pavimentos são o preto e o bege.

Os azulejos de Portugal também estão presentes, de alguma forma, em Macau. Em muitas placas das ruas, os tons brancos e azuis dos azulejos portugueses estão presentes nas placas de cerâmica com os nomes das ruas, escritos muitas vezes em cantonês e português. É uma presença bem simples e, se não se prestar a devida atenção, facilmente a presença da cultura portuguesa em Macau pode passar despercebida.

A arte moderna em Macau está bem viva também. A fusão das culturas portuguesas e cantonesas cria as condições perfeitas para estilos de arte únicas, como em nenhum outro lugar. O estilo de respingo de tinta tira proveito das tecnologias modernas para criar obras usando a fratura da luz, a realidade virtual, vídeos, instalações e, também, quadros e pinturas tradicionais. Também inclui obras que foram feitos em Macau e em outros lugares e países fora da Ásia, as quais ocasionam uma boa mistura.

Macau realmente não é como nenhum outro lugar na terra. É uma mistura de tantas culturas diferentes e a arte emprega técnicas do mundo moderno, do passado, do leste e do oeste. Pessoalmente, acho que é algo que deverá ser notado e apreciado por mais pessoas através do mundo. Seja na arquitetura, na comida, na língua ou nas tradições, esta região é muito mais do que só a capital de casinos.

Crescendo

Como você pode?

Como eu posso?

Leve fé

Como uma mãe carrega um recém-nascido

Como você pode?

Como eu posso?

Levar mais fé, esperança e amor

Como rios que correm do portão do céu

Como você pode?

Como eu posso?

Carregar mais por nós mesmos, pelos outros

Mais cuidados com este corpo

Esse coração

E nossas mentes

Como você pode?

Como eu posso?

acreditam

Você sabe realmente acreditar

Como espelhos um do outro para a humanidade

Nia Wilson

Um corpo no mundo

Um dia meu parceiro chegou em casa e disse: ‘eu quero muito que você veja isso’. Era o videoclipe da música “Um corpo no mundo” da cantora Luedi Luna. Ele me disse que aquela música o tocava profundamente. Porque ela fala de uma diáspora africana recente que tenta a sua vida no Brasil. São tantas camadas de solidão, estranhamento, história, memória e reconhecimento, que somente a arte pode representar.

Quando nós nos apaixonamos pela música, e pela artista, não sabíamos que eu seria um corpo da diáspora africana em um novo mundo também. Que o meu lugar seria abrigado na memória, e que meus pés e corpo não reconheceriam sua nova casa. O corpo é um território que se move e constrói a sua espacialidade. A condição de estrangeira é um cimento que impede a árvore de fincar raízes do solo. E essa música tem me guiado.

Como um prisioneiro, meu corpo busca a liberdade no que é imaterial. Lembrei das cantigas que cantávamos no quintal da casa dos meus avós, do leite transbordando no fogão todas as manhãs, dos pregadores de roupas que colocávamos nos dedos fingindo ser unhas postiças, dos palitos de fósforos riscados que guardávamos na beira do fogão.

Um dia eu cantarolava ‘lada d’água na cabeça’ perto de uma americana. Ela me perguntou sobre o que era a música e eu tentava explicar o que era uma lata, porque as pessoas carregam-na na cabeça, o que é a falta de saneamento básico, mas foi tão difícil explicar. Mas assim como o meu país foi construído sobre a cabeça das pessoas que até hoje o carregam, os corpos que aqui carregam, entregam coisas, e estão na linha de frente de qualquer ameaça física ou biológica. Eu desloco o meu corpo, para novas paisagens que se desenvolvem sobre a mesma estrutura. Não sei por que eu estranho tanto o novo chão, se eu tropeço sempre nas mesmas pedras.

Dalila Fernandes de Negreiros



Carnaval 2020

O Carnaval no Rio de Janeiro foi louco! Passei-o com dois amigos meus dos Estados Unidos e outros do Brasil. Para ser sincero, nem fomos ao famoso desfile! Faltamos ao que todo mundo fala que é parte de uma grande experiência do Carnaval no Rio. No entanto, eu não senti que tivesse feito falta! Estávamos nos divertindo e aproveitando o tempo inteiro de diferentes formas. Naquela semana “A Cidade Maravilhosa” fica louca e ainda mais maravilhosa!

Nós fomos aos “blocos” e fizemos muitos amizades. Os meus amigos Brasileiros gostaram tanto de praticar seu inglês com meus amigos Americanos. Gostei muito dessa mistura cultural; até um dos meus amigos dos Estados Unidos está aprendendo português agora porque ele teve uma experiência muito positiva. Eu recomendo todo mundo a passar um Carnaval no Rio de Janeiro pelo menos uma vez na vida! Tenho algumas dicas para quem quer passar seu primeiro Carnaval no Brasil. O que eu aprendi durante o Carnaval 2020 no Rio de Janeiro?

Primeiro e a mais importante: beba muito água e passe protetor solar! O sol no Rio é muito mais forte do que muita gente espera... especialmente para quem é de fora e não está acostumado com aquele clima. Segundo, seja criativo com sua fantasia... ou seja, compre-a com antecedência. Quem comemora Halloween em seu país sabe sobre o que estou falando! Se você esperar para comprar na véspera, terá menos opções e será mais difícil de achar algo original (se você se importa com isso). Também, guarde dinheiro para os gastos que aumentam durante essa época turística (Airbnb, as festas, monumentos turísticos, etc.). Às vezes, as pessoas pensam que quando vão para um outro país que tem uma moeda menos valiosa tudo vai sair mais barato, mas não é o caso, muitas vezes. Quanto maior a cidade e quanto mais coisas estão acontecendo, mais caro é.

Agora vou falar sobre as histórias horríveis que todo mundo ouve: “perdi celular, minhas coisas foram roubadas na praia, etc.”. Igual como todos os lugares lotados com um monte de gente bêbada, coisas ruins acontecem. Então, fique consciente com seus pertences. Duas vezes o celular do meu amigo caiu da bolsa dele; a primeira vez ele percebeu e o pegou, e a segunda vez não. Quero dizer que muitas coisas podem ser evitadas se você prestar atenção e ficar consciente de tudo (ou se deixar seu celular em casa). Só mais duas dicas!



Se quiser assistir ao famoso desfile no Sambódromo, que mencionei no início, compre os ingressos com antecedência. Eu e meus amigos não conseguimos ir porque estávamos tentando fazer muitos planos com muitas pessoas e acabamos por esperar demais. Quando nós, finalmente, fizemos nosso plano, os ingressos eram muito caros! Mas tudo bem... não será minha última vez passando o Carnaval no Brasil! Finalmente, minha última dica e que eu acho a mais importante depois de beber água e passar protetor: acorde cedo! Os melhores “blocos” começam cedinho! Pode ser difícil assistir pois é provável que você se deite tarde, mas com esforço você conseguirá! E vale a pena!

Carnaval pode ser uma loucura, mas não é só bobagem. Existem as festas, as ressacas, os celulares perdidos e tudo mais, mas também é uma grande parte da cultura brasileira. Além de festejar, beijar e beber, aprende a dançar samba (pelo menos tentar, pois é difícil), pergunte aos Brasileiros o que o Carnaval significa e aprenda sobre a história. Use minhas dicas para aproveitar o máximo! Vocês não se arrependerão!

Josh Petrovish

Violência Doméstica no Brasil: Um Problema Crescente

O Brasil é um dos países mais bonitos, coloridos e vibrantes do mundo. Desde o som otimista do samba e sertanejo, do espírito colorido e animado do carnaval, da comida deliciosa, das belas praias à diversidade, não podemos esquecer a bondade do povo brasileiro! O Brasil é tão único na sua maneira; nossa história é diferente de outros países, nossa cultura é extremamente única e específica para nós e essas são apenas algumas das coisas incríveis do Brasil.

Agora, embora existam inúmeras coisas incríveis sobre o Brasil, infelizmente não podemos ignorar as coisas infelizes que acontecem no Brasil. Todo país tem suas coisas negativas, mas não podemos apenas focar levemente nessas partes negativas. Em alguns casos, precisamos colocar um foco extra nessas questões, porque, se não o fizermos, elas simplesmente não serão corrigidas. O Brasil tem uma relação horrível com a violência. Entre homicídio e violência doméstica, o Brasil tem um problema crescente de violência que precisa de mais atenção do que tem recebido. As estatísticas mostram que 10 em cada 15 mulheres no Brasil são assassinadas por dia no Brasil e as taxas de homicídios (especificamente as taxas de feminicídio) estão aumentando apenas ano após ano.

Brasil é o quinto país do mundo com as maiores taxas de feminicídio. Esta é uma questão em andamento que o governo tentou abordar, mas as estatísticas mostram apenas que não há correlação entre as leis que estão sendo implementadas para impedir a violência e as taxas de violência e feminicídio diminuindo. Há uma questão clara de como as mulheres são vistas e tratadas no Brasil, especialmente considerando o fato de que a maior parte de situações de abuso doméstico que ocorrem no Brasil são provenientes do parceiro da mulher. Como mencionei antes, houve tentativas do governo para amenizar esse problema, incluindo a Lei Maria Da Penha. Essa lei foi criada depois de uma brasileira, Maria Da Penha, ter sido vítima de violência doméstica infligida por seu marido. Se isso acontece frequentemente no Brasil, por que essa situação específica causou tanto tumulto? Foi a negligência do governo brasileiro que chamou atenção para esta questão específica da violência doméstica.

O marido de Maria tentou matar ela duas vezes; uma vez atirando nela enquanto dormia, o que a levou a ficar paralisada da cintura para baixo. A segunda tentativa foi logo após a primeira, onde o marido tentou eletrocutá-la enquanto ela estava no banho.

Depois disso, ela decidiu processá-lo legalmente. Isso levou sete anos, o que o levou a 15 anos de prisão, mas a condenação foi anulada. Houve um novo julgamento, onde ele foi condenado de 8 a 10 anos, mas ele só foi preso por 2 anos. Essa injustiça foi denunciada pelo governo brasileiro, quando a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos publicou um relatório culpando o governo brasileiro por isso, por negligência em relação ao abuso doméstico contra mulheres no Brasil.

No dia 7 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha foi sancionada no Brasil. Esta lei, que tem como alvo a violência de gênero no Brasil, tem como objetivo reduzir a violência doméstica no país. Apesar de leis e mais instituições serem criadas para tratar da questão da violência doméstica, como o DEAS, delegacia de polícia que se dedica especificamente a cuidar de crimes contra a mulheres, a violência não para. Ao ler e analisar as estatísticas, também é destacado que isso não é apenas uma questão de gênero, mas também uma questão de raça. Nas mortes não intencionais em geral no Brasil, o percentual caiu 10 por cento a partir de 2018, enquanto as taxas de feminicídio, abuso doméstico e violência sexual aumentaram mais de 4 por cento. Com foco na raça podemos assumir que o feminicídio no Brasil está quase sempre diretamente ligado à raça e à classe. Ao olhar para o problema como um todo, o alvo principal de violência contra as mulheres no Brasil são as mulheres Afro-Brasileiras. Em uma estatística de 2003 que foi incluída no Mapa de Violência no Brasil de 2015, a taxa de homicídios contra mulheres negras no Brasil foi 23 por cento maior em comparação com mulheres brancas. Parece também que as taxas mais altas da violência doméstica no Brasil estão nos estados do norte, que também são as áreas no Brasil onde há uma população maior de afro-brasileiros.

Este artigo não deve desconsiderar as coisas maravilhosas sobre o belo país chamado Brasil, mas deve chamar a atenção para esses graves problemas, porque sem a atenção de todos, esses problemas não estão sendo levados a sério, nem estão sendo resolvidos. É preciso haver uma atenção constante no problema da violência doméstica e do feminicídio no Brasil porque não é algo que possamos resolver com uma ou duas leis. Essa(s) problemática(s) precisam ser constantemente cuidadas, prestando atenção para que possamos proteger as mulheres do Brasil. Podemos apreciar e ver as coisas maravilhosas do Brasil, principalmente se prestarmos atenção nas coisas que precisam ser corrigidas.

Willow Tree Shall Wallow Salgueiro Deve Desfrutar

I know death,
because I can hear him coming
from a mile away
I know death,
I know him too well
In fact, I know him so well that he is
hated.
I'm frightened by him because he
lurks in the shadows.
As he awaits the song of sorrow
I fear his every visit,
because I know it will not be his last
This is not his fault that I feel this
way,
for he should be celebrated and
loved
He takes the people you love,
and give them the benefit of some-
thing better;
Heaven
Heaven, a place where you can live
forever.
Everyone is meant to live forever
only stars really die,
but even then, they live forever as
part of the universe.
So let the willow trees wallow,
for their soul shall never be dis-
solved.

Eu conheço a morte,
porque eu posso ouvi-la
a uma milha de distância
Eu conheço a morte,
eu a conheço muito bem
Na verdade, eu a conheço tão bem que
ela é odiada
Eu tenho medo dela porque ela se es-
conde nas sombras.
Enquanto ela espera a canção da tris-
teza
Eu temo todas as suas visitas,
porque eu sei que não serão as últimas
Não é culpa dela que eu me sinta assim,
pois ela deve ser comemorada e amada
Ela leva as pessoas que você ama
e dá a elas o benefício de algo melhor;
Céu
Céu, um lugar onde você pode viver
para sempre.
Todo mundo esta destinado a viver para
sempre,
apenas as estrelas realmente morrem,
mas mesmo assim, elas vivem para
sempre como parte do universo.
Então deixa os salgueiros desfrutarem,
pois suas almas nunca serão dissolvi-
das.

Naomi S. Phifer
April 15, 2020

Wedgewood Park International School,
Milwaukee, WI
7th grade
Babywuggz23@gmail.com

Tradução: Amira Rupnick, Port. 699

A Política Subversiva de Clarice Lispector em *A Via Crucis do Corpo*

A *Via Crucis do Corpo* é uma coleção de contos não tradicionais que se distinguem das outras obras da Clarice Lispector por seu tema escandaloso: o sexo. Ela fora contratada para escrever contos sobre o sexo por motivos simples: ela era escritora famosa e todo mundo sabe que 'sex sells'. Porém, estes contos não são eróticos, mas desconfortáveis. Tratam de prostituição, de vergonha e de violência; tratam de luxúria e de coerção, da brutalidade da vida. Clarice mesma escreve na sua 'Explicação' que «Uma pessoa leu meus contos e disse que não era literatura, era lixo. Concordo» (Lispector 12). Ela pediu para os escrever sob pseudônimo para que seus próprios filhos não os lessem. À primeira vista, esta coleção é provocante e incendiária sem razão, com enredos surreais e ridículos. Embora possam parecer 'lixo', este trabalho argumenta que *A via crucis do corpo* é uma obra profundamente política. Através de essas histórias superficialmente bobas, Clarice aborda a repressão da sexualidade feminina, critica sua sociedade patriarcal e a ditadura repressiva que impunha esses valores machistas.

Em virtude do fato de que os valores da ditadura brasileira eram valores tradicionais e patriarcais, a subversão das normas sociais é uma subversão do governo mesmo. Por isso, a crítica social (do papel da mulher na sociedade) e a crítica política são bem entrelaçadas, e neste contexto, falar de uma é falar da outra. Dito isso, analiso primeiro alguns contos que não têm implicação política explícita, mas focam na afirmação da sexualidade da mulher. No conto "Ruído de passo", uma viúva de oitenta e um anos chamada Cândida Raposo tem uma doença que não acaba e a molesta constantemente. Esta doença é o seu desejo sexual. Dá-lhe extrema vergonha. Não obstante, vai para um ginecologista, quem a informa que não há remédio: a afligiria pelo resto da vida. Ficando sozinha, ela começa a masturbar-se para não sofrer mais, mas sempre com vergonha, sempre chorando. No fim, ela imagina ouvir os passos do seu marido falecido.

A tristeza do conto é que Cândida tem internalizado a repressão da sua sexualidade até parecer uma doença. É para suportar, não disfrutar. Segundo a hegemonia cultural da época, as mulheres velhas não deviam ter sexualidade; deviam ser avós. Cândida não reconhece que seus desejos sejam normais, até para alguém de sua idade, porque por toda sua vida fora ensinada que deveria ter vergonha por querer o sexo. Esta vergonha se manifesta na alucinação dos passos do marido. Ela imagina que ele não aprovaria seu ato sexual, e é possível que até considere masturbar-se igual à infidelidade. A subversão desse conto é sutil; a ideia de que a sexualidade é algo sujo era uma crença comum, e por isso é difícil fazer uma crítica direta. Ao invés disso, Clarice nos apresenta a dor Cândida que, em sofrimento, tenta 'curar-se' da sua libido, e o leitor é forçado a perguntar por quê.

Em ‘Mas vai chover’, Maria Angélica, uma mulher de sessenta anos, tenta seduzir um jovem dezoito anos. Ela fica apaixonada pela sua beleza, juventude e simples masculinidade. Quando ele rejeita os avances da mulher velha, ela promete comprar-lhe um carro de luxo, e embora ele fique com nojo, cede à sua avareza e os dois começam uma relação. O conto acaba com o rapaz pedindo cada vez mais do dinheiro dela e a abandonando quando ela recusa dar-lhe um bilhão de cruzeiros.

Além do elemento ‘abnormal’ ou ‘escandaloso’ neste conto, a ousadia sexual de uma mulher velha, também coloca a questão do poder. Clarice abraça e afirma esta sexualidade; no começo, Maria Angélica tem toda a agência e todo o poder. É ela que tem o dinheiro, ela que propõe ao rapaz - e para enfatizar ainda mais o desejo sexual dela, Clarice nos dá muitos detalhes, como os «gritinhos na hora do amor» (Lispector 77). Em criar uma personagem como Maria Angélica, a autora impugna as normas patriarcais que rejeita sua existência. No fim, o rapaz deixa Maria Angélica para ficar uma garota de sua idade. Maria Angélica fica deprimida e sozinha. As normas exigem que ela não tenha amor como viúva e estipulam que ela não tenha valor sexual. É um conto doloroso, pois no início o jovem é coagido a ter sexo, e por sua vez ele explora a velha senhora. Os dois têm culpa, e os dois sofrem (o rapaz fica impotente aos vinte sete anos).

Pode-se ver então que um tema prevalente nesta coleção é a rejeição de normas e regras e, por aí, entra a crítica política. Mais um exemplo disso é “Melhor do que arder”, que trata de uma freira que cansa de viver apenas com mulheres no convento, onde é obrigada a mortificar o seu corpo pelo seu pecado de desejar. Ao dizer que quer se casar, o confessor explica à freira que «é melhor não casar» (Lispector 72). Afinal ela não pode aguentar mais, sai do convento, conhece um homem português, sai com ele, se casam, e a ex-freira fica muito feliz. Quando ela não obedece, está mais contente. O conto recrimina como a religião manda que seus aderentes restrinjam os desejos e se castiguem por ter pensamentos profanos. A religião estrita, bem como a ditadura, são reacionárias e opressivas, especialmente para as mulheres. Quando a protagonista rejeita as regras da igreja, uma instituição historicamente patriarcal, ela rejeita, ao mesmo tempo, as normas patriarcais do governo atual naquele momento.

Este motivo, a liberação que vem de rejeitar as normas, particularmente o abraçamento da sexualidade feminina, também está presente em “Miss Algrave”, o primeiro conto da coleção. Miss Algrave é uma mulher ridiculamente pudica que se ofende por qualquer coisa que pertença ao sexo: personagens beijando na televisão, animais “se amando” no parque, estátuas indecentes e mais. Ela até se banha com roupa para não vislumbrar o próprio corpo nu. Porém, todo isso muda após uma visita noturna de um fantasma que vem de Saturno para ter sexo com ela. Depois do encontro estranho, ela começa a disfrutar de todos os prazeres da vida que evitara antes: o sexo, o vinho, a comida suntuosa, etc. Como vemos, após aceitar a sua sexualidade ela conhece uma nova alegria, como a freira de “Melhor do que arder”. Mais uma vez, verificamos um motivo repetido de felicidade como consequência da liberação sexual.

Claro, o encontro com um espírito é absurdo; muitos destes contos contêm algum elemento ridículo ou fantástico, e por isso pode ser difícil vê-los como obra política. Mas isso era importante para evitar a censura; já que a obra foi apresentada como paródia da literatura popular, para esconder a crítica em contos que pareciam inconsequentes. E por isso as personagens são caricaturas e os enredos são fantásticos, e “Miss Algrave”, o conto mais ridículo, estabelece o tom paródico do livro no começo. Isto, junto com a linguagem coloquial e informal fez que a obra não parecesse perigosa para os que tinham poder e censura crítica na época.

O outro elemento de interesse em “Miss Algrave” é o que acontece depois da sua liberação sexual: ela se torna prostitua. Agora que quer sexo, ela vai ao Picadilly Circle, onde se reúnem as prostitutas, para satisfazer o desejo recém-nascido. No início, ela não cobra os homens - até que aprende seu valor monetário. A prostituição neste conto é uma afirmação de agência. Miss Algrave utiliza esse novo poder para retornar ao escritório, onde trabalhava como datilógrafa, e seduzir o seu chefe para conseguir um salário maior. O fato de ganhar mais como prostitua do que como funcionária ressalta que as mulheres têm valor apenas como objeto sexual: como consequência, ninguém quer amar as mulheres velhas, Maria Angélica e Cândida, pois essas não têm esse valor sexual.

Muitas vezes nesta coleção, a prostituição, que aparece em vários contos, serve como maneira de liberação. Isso é marcante, pois frequentemente a prostituição é um ato de desespero. No conto “Língua do P”, uma mulher viajando por trem ouve por acaso dois homens falando a ‘língua do p’ (uma linguagem inventada, como o latim do porco no inglês) e descobre que estão planejando estuprá-la e assassiná-la no próximo túnel. Ela supõe que, devido à sua roupa profissional, eles a imaginam rica e que querem assaltá-la. Então, para evitar ser roubada, finge ser prostitua (pobre). Ao perceber isso, o bilheteiro chama a polícia e ela é prendida na próxima estação. Logo depois, sai a notícia de que outra mulher fora assassinada no trem: tinha evitado a morte. Neste caso, o ato de ‘ser prostitua’ funciona como uma afirmação de agência e uma maneira de salvar a vida.

Este motivo também aparece no conto “Praça Mauá”. A meu ver, este conto é o que tem mais relevância política e social. Questiona o significado do gênero, promove a agência da mulher, faz críticas da ditadura e sintetiza todos os temas já examinados nos outros contos. Acontece num clube erótico, que representa liberdade para todas as personagens. A protagonista, Luísa, ganha a vida como bailarina e prostitua. No clube, ela é poderosa, podendo controlar todos os fregueses masculinos. Seu melhor amigo, um ‘travesti¹’ chamado Celsinho, tem certa liberdade também. Ele abandona uma família nobre para viver como mulher e ser prostitua e é aceitado e adorado pelos marheiros no clube. Clarice escreve, «o Erótica estava cheio de homens e de mulheres. Muita mãe de família ia lá para se divertir e ganhar um dinheirinho» (64). Até as mães podem liberar-se no clube.

1 Esta é a palavra usada por Clarice, tanto como os pronomes masculinos

A crítica do governo é mais forte neste conto. Na segunda frase, explica que Luísa tem um 'nome de guerra', que as prostitutas usam para esconder a sua identidade, mas esta expressão tem outro significado: nome para os que participam numa revolução. E para proteger-se se alguém for capturado. Isto implica que Luísa - e Celsinho, quem também tem nome de guerra - está participando em uma revolução. E de certa maneira, é verdade. Estão participando numa rebelião contra as normas sociais no ato de ir ao clube. Há mais dicas que insinuam que ela é rebelde. Por exemplo, «[ela] “trabalhava” de dois modos: dançando meio nua e enganando o marido» (61). A ditadura foi fundada em valores tradicionais. Subverter a instituição do casamento é ao mesmo tempo subverter os valores do governo. Aliás, a ditadura tinha ideias explícitas sobre os papéis dos gêneros. Uma pessoa como Celsinho rompe todas essas regras e expectativas. Sua mera existência contesta o doutrino do governo conservador.

Celsinho joga um papel interessante na obra, fazendo-nos questionar sobre o significado de gênero. Ele tem uma filha adotada e cumpre todas as responsabilidades de ser mãe. Na verdade, é uma boa mãe. Joga o papel da mulher tradicional melhor do que a Luísa: cozinha e cria uma filha, enquanto Luísa tem apenas um gato e o cuida mal. Certa vez, ao ver Celsinho dançando com os marinheiros, Luísa - que nem sabe estrear um ovo - fica ciumenta da feminilidade dele. O que faz com que alguém seja mulher? Anatomia? Comportamento? O que é feminilidade? Clarice não dá uma resposta, mas dado à doutrina de governo, questionar o gênero é igual a questionar os valores políticos do regime.

E, finalmente, entra a questão do dinheiro. Nestes contos, o dinheiro, especialmente em relação à prostituição, funciona como crítica do 'milagre econômico' da ditadura. Este motivo aparece em quase todos os contos. É obvio em “Mas vai chover” e “Miss Algrave”, mas também aparece nos outros. Em “Língua do P”, a protagonista tenta parecer mais pobre para não ser estuprada, pois ela imagina que os homens não querem uma vagabunda. Em “Ruído de passos”, quando o doutor informa Cândida que não há remédio, a resposta dela é “e se eu pagasse?” (56) como se fosse possível resolver o problema com dinheiro. Este motivo omnipresente interroga a propaganda da ditadura sobre a economia forte dos anos setenta.

Em conclusão, esta obra, que parece fantástica e ridícula está cheia de conteúdo subversivo e provocativo. É uma obra obviamente política, mas se apresenta como paródia da literatura popular para evitar a censura do governo. Seus temas investigam e defendem a sexualidade feminina e a liberação da mulher das ultrapassadas normas sociais, mas de maneira discreta. Pelo contrário do que disse Clarice na Explicação, é obvio que A via crucis do corpo não é lixo nenhum.

Bibliografia

Lispector, Clarice. *A Via Crucis do Corpo*. Rocco, 1998.

Zachary Ferguson

Bate-Papo

Boa comida na mesa,
Boas pessoas na casa.
Quando temos um bate-papo,
A gente fala e fala e fala.



Molly Hayes
UW-Milwaukee

Estrelas do Rio

As estrelas do Rio à noite
Nunca tive essa visão
Elas iluminam brilhante
Sorrindo na cidade

As colinas das favelas
Brilhando de longe
Chame as estrelas
Para vir e jogar

O oceano toca as estrelas
As ondas dançam deliciadas
Não se pode ver onde o oceano começa
E o céu acaba

Durante a lua cheia
Olhe lá em cima
Veja o seu destino
Escrito no céu

Quem sabia que podíamos ver muuuito
na escuridão da noite ...?

Belinda Jennings
Port., 104

Isolamento, Quarentena, Nighthawks e Covid19

13 de maio de 1942. Nighthawks, de Edward Hopper, é vendido para o Art Institute of Chicago. Talvez seja o mais conhecido quadro do venerado pintor realista norte-americano, famoso por suas representações da solidão urbana moderna. A cena representada em Nighthawks é simples, um pequeno restaurante a noite aparenta ser o refúgio para quatro figuras que ocupam aquele espaço. A primeira vista o calor que emana do espaço parece evocar emoções de conforto. Entretanto, um olhar mais atento revela a profunda desconexão entre os personagens. Estão juntos, mas radicalmente separados. Evitam uns aos outros e o olhar do espectador. Estão cuidadosamente afastados. A obra de Hopper é marcada por uma sugestividade poética, algo está sempre prestes a acontecer, e Nighthawks aparenta premeditar as medidas de isolamento e quarentena que vivemos em 2020.



12 de setembro de 2019. Estou no Art Institute of Chicago, ansioso pelo momento que estarei em frente a Nighthawks. Quero ser o espectador que os personagens do quadro evitam. O Art Institute of Chicago é um lugar magnífico, tanto em acervo quanto em arquitetura. O posicionamento de Nighthawks naquele espaço é cuidadoso e evidentemente intencional. É possível visualizar a peça a uma boa distância, é possível sentir o magnetismo da sua aura, que atrai múltiplos transeuntes. Estou distante, e me aproximo do pequeno restaurante em busca de um lugar seguro, um refúgio da solidão moderna. É uma armadilha. A multidão aglomerada parece querer oferecer companhia aos personagens solitários do quadro, em vão. Todos querem retirá-los do isolamento, mas sem sucesso.

Enquanto eles estão de quarentena há 77 anos, ainda faltam alguns meses para a nossa começar.



20 de março de 2020. Nossa quarentena contemporânea começou. Sete meses depois de minha visita a Nighthawks, a memória da visita persiste. Sinto que agora consigo entender melhor o poder do quadro, principalmente ao saber que Hopper considerava como seu tema central não a solidão, mas o medo dos terrores da noite. Em março de 2020 estamos aterrorizados por uma pandemia global, estamos em busca de um lugar seguro.

Tenho pela frente uma jornada de 8.000km, meu objetivo é pousar em Salvador em meio ao terror da noite – a pandemia Covid19. Passarei por quatro cidades e quatro aeroportos – Milwaukee, Atlanta, São Paulo e Salvador – num período de 24h, deslocando boa parte da minha vida material em duas malas e uma mochila. Sou um fugitivo, somos todos. O tráfego ao longo desses aeroportos em situação de crise me lembra o antropólogo francês Bruno Latour: “Os Boeings 747 não voam, voam as linhas aéreas”. Ele está certo, é preciso um vasto coletivo de humanos e não-humanos para que eu possa chegar em casa. “Seria diferente se eu estivesse voltando em condições normais?”, penso. Latour, na minha cabeça, responde: “c’est évident!”.

Passageiros nos aeroportos se evitam, estão constantemente buscando espaços vazios, cada um calcula a distância que considera segura. Marcação em fita isolante delimitam espaços em filas. O silêncio é sepulcral, as telas individuais e fones de ouvido são um refúgio, são pontos de contato com o afeto e a normalidade. Máscaras, luvas, estações improvisadas para lavar as mãos são lembretes materiais que estamos em risco. A exaustão e estresse dos funcionários de companhias aéreas é palpável.

Os monitores informativos instalados ao redor do aeroporto produzem aglomerações de pessoas, já que são atualizados mais rapidamente que os aplicativos das linhas aéreas. O corpo é frágil, precisa ser higienizado, isolado, confinado, enquanto as mídias digitais facilitam o contato social eliminando o risco de contágio. A presença microscópica do coronavírus afeta a construção da minha viagem. A pandemia me transformou num fugitivo, e os dispositivos de acesso a informação participam dessa construção. Notícias em tempo real chegam a partir de feeds RSS em meu smartphone e tablet. Tenho medo de não chegar em Salvador, já que a todo momento aplicativos me alertam sobre possíveis cancelamento de voos e fechamento de aeroportos. Meu smartphone amplifica minhas afetividades, produz em mim tanto medo de não chegar em casa quanto alívio ao receber push notifications sobre voos confirmados. Meus dispositivos digitais se tornaram EPIs, são o meu principal instrumento de negociação com o mundo.

Ao longo destes 8.000km produzo muitos dados. Negocio e gerencio voos com três companhias aéreas diferentes a partir de aplicativos. Notifico familiares sobre minha jornada via redes sociais. Operadoras e telefonias rastreiam meu deslocamento via redes Wifi e 4G. Meu deslocamento, ao produzir dados, alimenta a inteligência algorítmica em prol do combate a pandemia – servirão para produzir heatmaps e estatísticas. Meu corpo, em busca do confinamento e da segurança, alimenta com dados o vírus-rede. Como aponta André Lemos, o Covid19 “está longe de ser apenas uma entidade biológica isolada, provocando doenças nos humanos e se difundindo na velocidade das trocas mundiais. Antes de ser um objeto natural, ele é resultado de entrelaçamentos de múltiplas instâncias e agências”.

O combate ao vírus, portanto, excede os fármacos – cloroquina? Outra rede – ou EPIs, se dá também na produção e monitoramento de informações sobre os corpos e deslocamentos – somos todos vulneráveis ao agenciamento do vírus-rede. Minha condição de fugitivo do Covid19 é fruto também de mediações sociotécnicas, estou entrelaçado com o vírus-rede na medida em que contribuo com sua construção: minha viagem produz dados em diversas instâncias que informarão políticas públicas no combate à pandemia.

21 de março de 2020. Ao pousar em Salvador me deparo com outros agenciamentos materiais da Covid19. Meu deslocamento é interrompido por uma barreira sanitária, resultante de disputas políticas entre o Estado da Bahia – representado pela Vigilância Sanitária – e a ANVISA. Eu tinha conhecimento dessa barreira – a informação é meu EPI e me constrói como fugitivo – e aguardava sua presença com um misto de alívio e medo. Por um lado a barreira sanitária é um dispositivo que materializa a ação política do Estado da Bahia na contenção da pandemia. Por outro, é o último obstáculo que se coloca entre os terrores da noite e a segurança da minha casa.

“Posso medir sua temperatura, meu filho?”, pergunta a funcionária da barreira, devidamente aparelhada de EPIs e termômetro digital a laser. “Sim, por favor, agradeço inclusive”, respondo. “Nossa, está baixa, 34,5”, exclama a senhora. Rimos e me despeço. Estou aliviado, não tenho febre. Meu deslocamento se transfigura num dado para a vigilância sanitária assim que minha temperatura é registrada numa tabela.

Consigo chegar em casa. Desinfetantes, álcool em gel e outras precauções marcam o início da minha quarentena. Meu corpo está presente em meu apartamento, confinado, isolado e minha experiência de isolamento é composta por amplo acesso a internet, eletrônicos, games e redes sociais. Penso novamente em Nighthawks e agora me sinto distante daqueles personagens, cujo isolamento parece profundo, tenebroso e definitivo. Eles são os miseráveis para os quais o isolamento é perturbador. Sua melancolia parece inescapável.

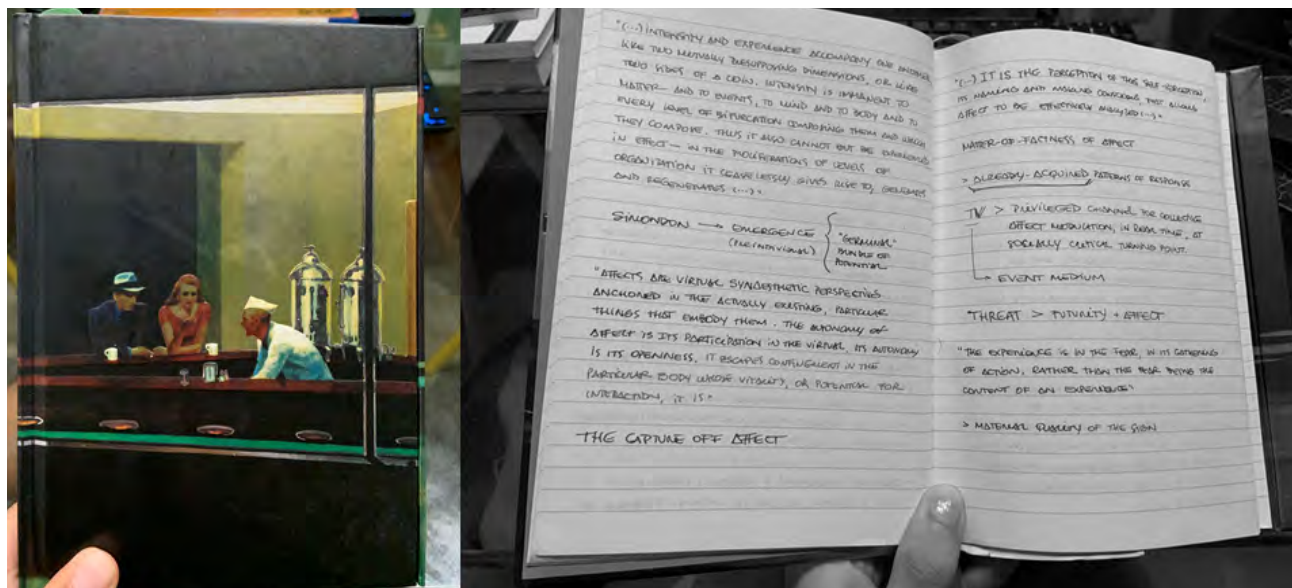
29 de março de 2020. Estou confinado, mas não estou preso – as mídias digitais me auxiliam a escapar do confinamento. O iFood e Uber Eats apaziguam minha fome. O Whatsapp, Instagram e Houseparty amenizam a saudade dos entes queridos. O Slack e Skype me permitem seguir com a rotina de trabalho. Netflix, Amazon Prime Video e HBO GO me mantém atualizado com o entretenimento popular. Discord, Battle.net e Facebook Messenger me mantém conectado com amigos e amigas que deixei em Milwaukee. Começo a entender melhor minha separação em relação a Nighthawks.

A mediação por parte dos aplicativos (iFood, Netflix, Houseparty, Whatsapp, Instagram, Slack etc.) parece ser a escapatória da solidão imposta pela quarentena. Esses dispositivos me constituem como sujeito em um momento histórico em que minha capacidade de ir e vir está reduzida pelos terrores da noite – seres microscópicos, coronavírus. Estou em Nighthawks, mas com acesso a internet e múltiplos dispositivos digitais. Estou preso num espaço físico delimitado, mas também estou num chat do Houseparty com amigos de Salvador-BA, Maceió-AL e Florestópolis-PR. Dividimos o espaço da tela e, organicamente, forma-se uma gramática de quem pode falar em que momento, como posicionar a câmera e que tipo de interação aquela plataforma facilita. As primeiras semanas da quarentena demonstram como as mídias digitais compõem o vírus-rede. A presença quase onipresente e cada dia mais natural de sites, aplicativos e plataformas parece ser única saída possível para a manutenção da minha vida social. Como mantereí contato com as pessoas que amo sem Whatsapp e Instagram? Como mantereí minha rotina de trabalho sem Slack e Skype? “Isolamento social e distanciamento social não são a mesma coisa”, dizem. Sinto que os personagens em Nighthawks estão isolados e distantes, mas que as mídias digitais me permitem isolamento sem distanciamento. Mas o que está em jogo quando o distanciamento social passa a ser combatido majoritariamente a partir dessas mediações?

03 de abril de 2020. Revisando meu caderno de anotações do período que passei em Milwaukee-WI, me deparo com discussões dos seminários que Richard Grusin ministrou no outono de 2019. Na sala 939 do Curtin Hall na University of Wisconsin-Milwaukee



discutíamos a dupla lógica da remediação, um conceito poderoso para entender o que está em jogo com as novas formas de mediação do cotidiano. As mídias digitais parecem buscar transpor o dia-a-dia para suas interfaces, buscando produzir assim efeitos da ordem do imediato. Entretanto, esse mesmo processo é amplamente hipermediático, no sentido de que prolifera diversas outras mediações (visíveis ou não) para acontecer. Para que eu possa confraternizar com meus amigos ao redor do país através do Houseparty, que mediações precisam se desenrolar? A interface do aplicativo, ao solicitar o acesso a diversas redes sociais, bem como a dados como geolocalização, indica um amplo processo de coleta e processamento de dados – dataficação – dos usuários envolvidos.



07 de abril de 2020. Os dias em confinamento se acumulam, as mediações digitais se expandem. A presença das plataformas digitais se torna cada vez mais constante e, de pouco a pouco, penso nos aplicativos com carinho. São eles que me permitem ver meus amigos, conversar com minha família. Seu papel na construção do meu cotidiano se intensifica. "Poderia ser pior", penso.

Especulo sobre quais as consequências a longo prazo de uma intensificação da possível plataformização do cotidiano graças a Covid19. Por um lado fico feliz com a disponibilidade de dispositivos que permitem fugir do isolamento, por outro temo pela aceleração dos chamados capitalismo de vigilância. Seu objetivo é desapropriar a vida cotidiana em prol da produção ininterrupta de dados – a nova matéria-prima do capitalismo. Além disso, estratégias de vigilância público-privadas começam a se tornar norma de combate a Covid19. Passam a fazer parte do vírus-rede diferentes táticas para rastrear, monitorar e punir sujeitos que desviam das práticas de quarentena. São implementados, ao redor do globo, aplicativos obrigatórios para monitoramento de sintomas (China, Coreia do Sul, Polônia), uso de drones para vigiar áreas de quarentena (França, Espanha, Bélgica e Itália), rastreamento de aglomerações através de celular (Brasil, EUA, Israel, Singapura).

Lembro uma última vez de Nighthawks. Confinados não só no pequeno restaurante, mas também no Art Institute of Chicago, meu caderno de notas e minha geladeira, os personagens parecem perdidos no momento presente enquanto temem o terror que a noite trará no futuro. Embora aparentem estar resignados, parece haver uma forte indeterminação sobre o desfecho desses personagens anônimos. O mesmo pode ser dito sobre o mundo pós-Covid19. Esse pensamento me retorna às manhãs frias em Milwaukee, às aulas de Antropologia registradas em meu caderno de Nighthawks, onde encontro uma citação de Sally Falk Moore que oferece um pequeno acalanto sobre a indeterminação do presente.



“An event is not necessarily best understood as the exemplification of an extant symbolic or social order. Events may equally be evidence of the ongoing dismantling of structures or of attempts to create new ones. Events may show a multiplicity of social contestations and the voicing of competing cultural claims. Events may reveal substantial areas of normative **indeterminacy**” (MOORE, 1987)

REFERÊNCIAS

MOORE, S. F. **Explaining the Present: Theoretical Dilemmas in Processual Ethnography**. *American Ethnologist*, v. 14, n. 4, p. 727–736, 1987.

LEMOS, A. **A construção do novo coronavírus**. Salvador: Correio*, 14 de março de 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-construcao-do-novo-coronavirus/>

LEMOS, A. **Coronavírus: isolamento digital é um luxo para poucos em um país de miseráveis**. Salvador: Correio*, 23 de março de 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/coronavirus-isolamento-digital-e-um-luxo-para-poucos-em-um-pais-de-miseraveis/>

Daniel Marques

O Canto do Mar

17 de junho de 2019

Meu dia começou às sete e meia da manhã. Acordei com os sons do Oceano Atlântico. Cheguei à conclusão de que é a última vez que poderei acordar assim, porque não estaremos em Salvador depois das seis da manhã de amanhã. Essa cidade realmente cresceu em mim - as cores pastel em todos os outros edifícios, os garçons simpáticos no restaurante ao lado, o som suave do Oceano Atlântico, os tambores rítmicos das ruas e o cheiro de comida nas proximidades. Não sei exatamente o que esperar das outras cidades para onde vamos viajar, mas se for algo como Salvador, tenho certeza de que vou admirá-las. Quando finalmente me levantei, desci as escadas para comer meu café da manhã, batatas e frutas. O dia começou oficialmente após o café da manhã e saímos do hotel às oito da manhã para ir à ilha de Itaparica.

Voltei ao hotel às sete horas da noite para passar o resto da noite arrumando e escrevendo um trabalho de pesquisa. De tempos em tempos, fazia pequenos intervalos para olhar na varanda para ver os locais se reunirem, celebrar o jogo Argentina e Colômbia e ouvir a música da festa na rua. Este foi um dia de reflexão para o meu tempo aqui em Salvador e devo dizer que foi uma experiência emergir na cultura que se vive aqui. Nas aulas de bateria e dança, fazer amigos, testar meu português, explorar as belas igrejas e aprender história ao longo do caminho tem sido muito valioso. É triste deixar esta cidade, mas estou animada para continuar nossa jornada no Brasil. O próximo destino é Lençóis, então tchau por enquanto Salvador!

Desirae Henry
Port., 104



A Vida

Qual será o propósito da vida do ser humano? Muitas pessoas trabalham a vida toda para alcançar um objetivo, mas muitas delas morrem antes de alcançar o objetivo ou sonho! Nós, os seres humanos fazemos muitos planos para o futuro, mas a gente nem sabe se em alguns muitos nós estaremos vivos. Milhares de pessoas mudam para outros países para alcançarem um sonho ou objetivo deixando para trás a sua cultura, como por exemplo, comidas, bebidas, músicas, danças, esportes, familiares, amigos, etc. Outros, sacrificam a saúde, trabalhando muitas horas para guardarem um dinheiro para o futuro que por muitas vezes será gasto em medicamentos e tratamentos médicos. Muitas vezes, as pessoas esquecem que precisam viver o hoje e esquecer o futuro porque o futuro é sempre muito longínquo!



Eduardo Conceição

**As borboletas tremulam em meio ao céu de pixels?
Para ela, sim.**

**Podemos passar meses sem falar,
é como se ela estivesse ao meu lado o tempo todo.**

**Em cantos pequenos, onde os cenários são feitos
de cortinas ao fundo.**

**Não entre persianas, mas capturas
de tela.**



Faith LeMay, Port. 204

O NOVO (NORMAL) O NOVO

L.N. - 104



Lindsey Naze, Port. 104

Sou PROFESSOR

e incentivo as pessoas a
conquistarem seus sonhos.



Ensinar

Amo a manhã,
Adoro a companhia,
Gosto dos sorrisos que ocupam a aula
com felicidade e alegria.

Falar e ser escutada,
Mostrar e ser entendida,
Errar e ser perdoada,
Compartilhar e ser compreendida.

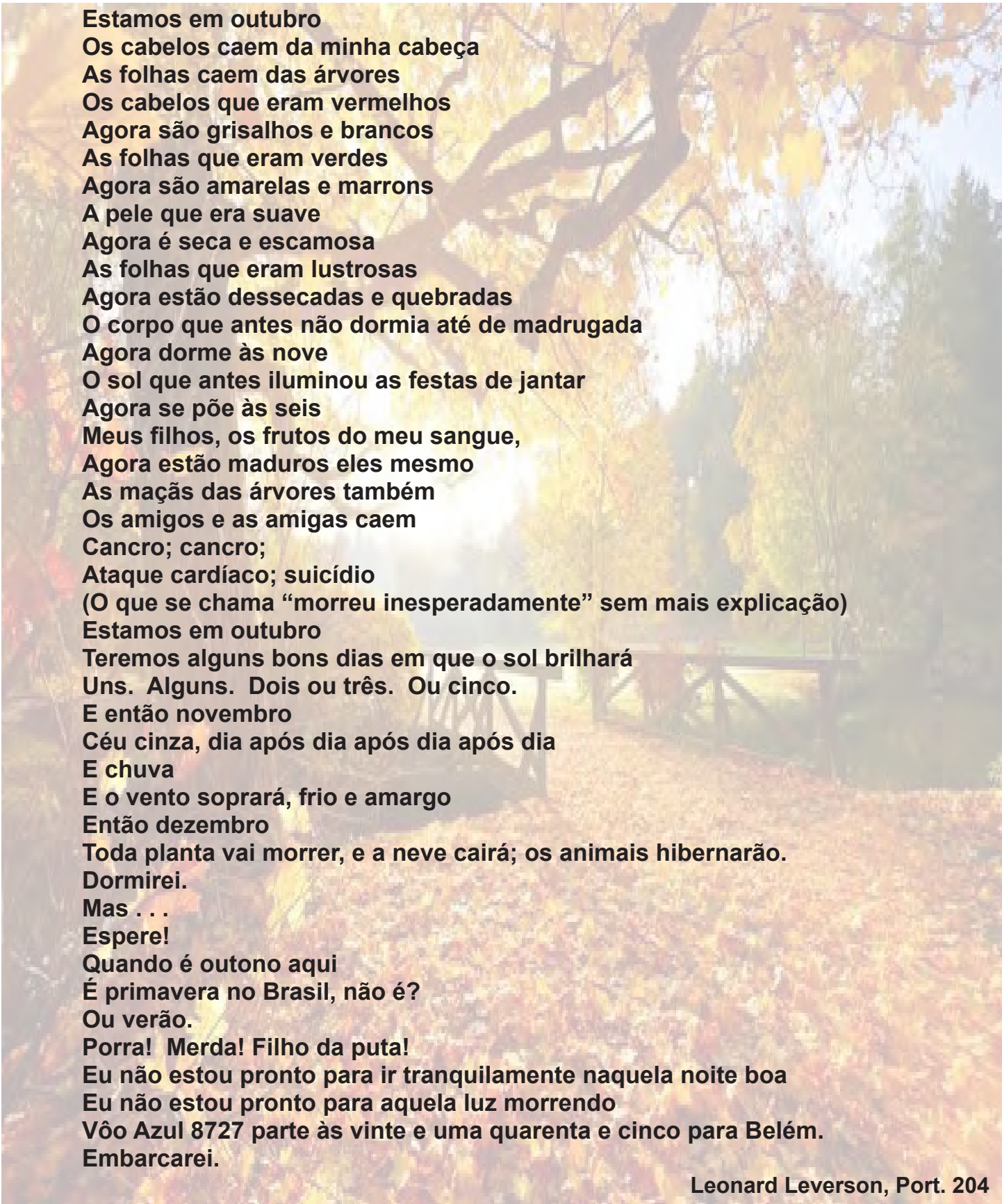
Pouco a pouco
Com humildade
Vamos aprendendo
Com muita vontade

Ensinar é respeitar
Ensinar é aprender
Ensinar é amar

Obrigada aos meus alunos.
Ser a sua professora tem sido um
prazer enorme.

Molly Hayes
UW-Milwaukee

O Outono da Vida



Estamos em outubro
Os cabelos caem da minha cabeça
As folhas caem das árvores
Os cabelos que eram vermelhos
Agora são grisalhos e brancos
As folhas que eram verdes
Agora são amarelas e marrons
A pele que era suave
Agora é seca e escamosa
As folhas que eram lustrosas
Agora estão dessecadas e quebradas
O corpo que antes não dormia até de madrugada
Agora dorme às nove
O sol que antes iluminou as festas de jantar
Agora se põe às seis
Meus filhos, os frutos do meu sangue,
Agora estão maduros eles mesmo
As maçãs das árvores também
Os amigos e as amigas caem
Cancro; cancro;
Ataque cardíaco; suicídio
(O que se chama “morreu inesperadamente” sem mais explicação)
Estamos em outubro
Teremos alguns bons dias em que o sol brilhará
Uns. Alguns. Dois ou três. Ou cinco.
E então novembro
Céu cinza, dia após dia após dia após dia
E chuva
E o vento soprará, frio e amargo
Então dezembro
Toda planta vai morrer, e a neve cairá; os animais hibernarão.
Dormirei.
Mas . . .
Espere!
Quando é outono aqui
É primavera no Brasil, não é?
Ou verão.
Porra! Merda! Filho da puta!
Eu não estou pronto para ir tranquilamente naquela noite boa
Eu não estou pronto para aquela luz morrendo
Vôo Azul 8727 parte às vinte e uma quarenta e cinco para Belém.
Embarcarei.

Leonard Levenson, Port. 204

OESTE

Quando nasci
Ao longe apenas se viam as serras e o mar.

Rolaram as estradas,
Umas negras de asfalto, outras brancas de terra.
Cresceram casarios brancos
Por vezes emergiram umas quantas casas coloridas.

Chegava-se na beira do mar pelos caminhos com curvas,
Pelos caminhos com altos e baixos.

O mar era o desconhecido.
Tal como o céu, sobre eles nada se sabia.
Mas ambos se tocavam no horizonte.

Os anos passaram,
As estradas rolaram mais umas tantas vezes.
Ergueram-se mais uns casarios brancos,
E cada vez mais casas coloridas entre outras compridas e cinzentas.

Passaram-se noites e dias aos pares com amores e desamores.
Havia a família e o cheiro de roupa lavada.
Tudo isto com as serras e o mar lá ao longe no horizonte.

Eu não sabia para onde o mar e os céus nos podem levar.
Eu nem sabia que nos podiam levar a algum lugar.
Tudo era de alguma forma desconhecido,
Tudo era uma inocência enraizada numa ausência de saber.

O mar era o desconhecido,
Para nós
Além, ninguém sabia o que ficava.
E assim,
Fui vivendo curioso.

Quando as serras e os horizontes não me chegavam,
Quando já não sonhávamos,
Debaixo de multidões em raiva e lágrimas de mãe,
Caminhei rumo ao mar e aos céus.





Decidi navegar,
Decidi voar
Para o Oeste.
E fui até onde os céus se cruzavam com o mar...
Bem lá no fundo,
A Oeste.

Ora, se o mar era o desconhecido,
Seria lá que encontraria o que me estava mais próximo do coração.
Ora, se o mar era algo que me levava ao longe
Seria lá que conheceria o meu superior romance.
Ora, se as serras não me chegaram,
Seria nas terras planas e no frio que aceitaria o mais doce calor.

Seria lá longe, além do mar e dos céus
Que reconheci o quanto vivemos da complexidade.
Foi no outro lado do desconhecido
Que me reconheci,
Que voltei a sonhar com essas serras e o mar da infância.

Hoje rolam outras estradas
Levantam-se outras casas
São cheiros diferentes
Mas há calor, mas há o saber sobre coisas além de nós mesmos.

Há vida,
Seja no calor do romance,
Seja num novo lar,
Seja no carinho e na saudade que ficam guardados além das serras e do mar.

Se o mar e os céus nos fazem curiosos,
Existe também algo que nos faz humanos:
A Oeste,
A curiosidade e o amor além das serras e do mar.

Gonçalo Borges

A Importância da Poesia e da Literatura

A poesia e a literatura, desde a sua existência, têm desempenhado um papel importante na cultura humana e no desenvolvimento de sociedade. Uma das primeiras instâncias registradas do uso da poesia e da literatura é dito ter acontecido no século XX A.C, com a obra A Epopeia de Gilgamesh. A escrita sempre tem servido como uma ferramenta para gravar informações, ideais e outras situações que, de certa forma, nos permite evoluir socialmente e tecnologicamente.

Durante a Idade das Trevas, muitos trabalhos de poesia eram enfatizados pela lente da religião e da espiritualidade. Isto devia-se à posição social dos clérigos e como eles eram, em essência, o centro intelectual da sociedade naquele período os seus poemas foram produzidos em maior quantidade e, significativamente, destacados. E porque o latim era o idioma usado pela igreja católica e o que dominava a Europa naquela época, a maioria das obras foram publicadas naquela língua. No entanto, outros vernáculos e dialetos ainda foram usados, como o inglês antigo, o alto alemão médio, o grego medieval, o francês antigo, entre outros. Também pode ser dito que a poesia religiosa, devido ao contexto social e cultural Europeu naquela época, também tornou, de certo modo, invisíveis, muitas peças seculares.

Falando das peças seculares, apesar de não terem tido tanto ênfase nem destaque como tiveram as obras da igreja, a poesia e a literatura secular mantinha um forte significado naquela época. A poesia era usada para contar histórias e contos, para fazer paródias da música religiosa, e para expressar os sentimentos. Uma forma de poemas chamados de “Amor cortês,” ou canções e cantigas de amor, era muito popular também e muitos cantores viajantes ganharam a vida com as músicas de amor em uma variedade de línguas, como francês, espanhol, português, galego... Além disso, a poesia e a literatura eram usadas para expressar opiniões políticas e polêmicas. Uma coisa a notar é que uma grande quantidade de literatura medieval é anônima, não somente por causa da falta de documentos da época, mas também porque muitas obras e histórias eram embelezadas e recontadas. Do ponto de vista da época, os nomes dos autores eram muito menos importantes, então muitas obras influentes ficaram sem nome de autor.

Também é importante notar o uso de dispositivos literários, especialmente o uso da alegoria. A alegoria, na sua definição moderna, é uma história, um poema, ou uma coisa visual que pode ter um significado escondido, tipicamente moral ou político. A alegoria da Idade das Trevas era usada como uma ferramenta para expressar as interpretações literais (literal), para demonstrar conexões entre o Antigo Testamento e os eventos da vida de Cristo (tipológico), para expressar a moralidade com a qual o autor queria representar na sua escrita (tropológico) e para lidar com tipologias da história cristã, como o céu, o inferno e as profecias. Em geral, era para dar representação às qualidades abstratas, eventos...

A poesia moderna é dita ter começado durante ou vigésimo século até hoje. Hoje em dia, a poesia é vista não só como uma maneira de transmitir a informação cultural, mas também é refletida na música. Se nós pensarmos sobre isso, as letras da sua música favorita de amor é uma forma moderna da poesia. O ritmo e rima de uma canção são características usadas para transformar estas obras sem som, que podem ser escutadas por todos. Mas também, a nossa forma de escrever a poesia é meio diferente. A estrutura da escrita tradicional não é tão comum como dantes. Por exemplo, durante o tempo de Shakespeare, sonetos, baladas (na essência poética), odes e elegias foram muito mais comuns e a aparência do poema muitas vezes era simétrico. Outras formas de poesia que eram popularizadas era o uso do pentâmetro iâmbico que, embora ainda existe hoje em dia, já não é tão comum como era.

Com o passar do tempo, a poesia e a literatura estão constantemente evoluindo e mudando com os nossos valores e a nossa cultura. Hoje, nossa população é enorme, nos deixando com potência sem limites para sermos criadores de arte escrita e com possibilidades infinitas para a poesia e a literatura. Seja para expressar uma ideia, uma opinião ou um sentimento, a poesia e a literatura são a fundação da nossa sociedade moderna. Na minha opinião, a arte escrita, é uma das formas de arte mais valiosa. Ela pode ser usada para inspirar o povo e para deixar a sua marca na mente dos outros. Pode ensinar lições e moralidades que refletem a sociedade em que foi escrita, seja durante a Idade das Trevas, seja hoje em dia. O cérebro humano é um órgão incrível, que nos permite manipular a linguagem à nossa vontade, e isto é uma forma de arte que é exclusivamente humana. É algo tão simples, mas tem um significado muito profundo e muito importante quando usado da forma correta. Existem possibilidades infinitas de expressão, tudo abrangido em palavras numa simples folha de papel.

Citações

“Allegory in the Middle Ages.” Wikipedia, Wikimedia Foundation, 11 Feb. 2018, en.wikipedia.org/wiki/Allegory_in_the_Middle_Ages.

Andrews, Evan. “What Is the Oldest Known Piece of Literature?” History.com, A&E Television Networks, 18 Dec. 2015, www.history.com/news/what-is-the-oldest-known-piece-of-literature.

Golden, Audrey. “A Brief History of Poetry.” Our Blog, 1 Jan. 2015, blog.bookstellyouwhy.com/a-brief-history-of-poetry.

“Medieval Literature.” Wikipedia, Wikimedia Foundation, 10 Oct. 2019, en.wikipedia.org/wiki/Medieval_literature.

“Medieval Poetry.” Wikipedia, Wikimedia Foundation, 27 Mar. 2019, en.wikipedia.org/wiki/Medieval_poetry.

Ryan Ammerman, Port. 360

“Cafezinha”

Uma canção sobre a experiência de beber café

A canção “Cafezinha” foi escrita na perspectiva de uma pessoa que desesperadamente precisa de um café. A personagem acredita que o café a vai salvar dos problemas da vida quotidiana. Em contraste com o termo tradicional, cafezinho, a “cafezinha” é uma palavra feminina, como a autora, mas também como uma fada que teria poderes num reino mágico.

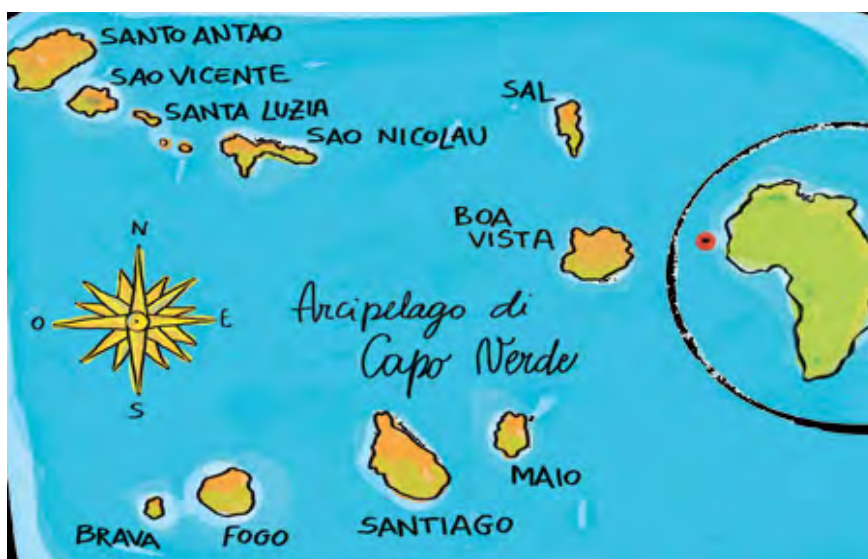
Seus sentidos, seus sonhos, seus desejos – todos são considerados quando ela toma o seu medicamento. E as responsabilidades do dia estão desbotando com cada gole. No fim, ela tenta escapar do seu mundo real, mas também gastou todo seu dinheiro para fazê-lo!

Verso 1	I'm going out the door to buy me A dark espresso cafezinha Arouse me with its deep aroma And help me wake up from my coma	Estou andando pra comprar Escura expresso cafezinha Me estimulará pelo aroma Me despertará do meu coma
Ponte 1	<i>As I wade through these sweet hot grounds My thoughts swing precious - profane - profound I'll even do a lovely serenade... for a cup of fair trade</i>	<i>E passando pela doce pó Penso no raro, penso na profunda E cantarei algo robusto... Pelo comércio justo</i>
Coro 1	Uma nova cafezinha A burning swirling cup of coffee (Please) release me from my deepest dreams & liberate me from my longings (saudade) uma quente cafezinha Pra queimar minha sozinha	Uma nova cafezinha Deliciosa - esta bebida Liberta-me dos meus sonhos Solta-me dos meus desejos Uma quente cafezinha Pra queimar minha solidãozinha
Verso 2	and all the things that I'm supposed to do will be considered as I stir this brew and all the friends that I should really call – have another latte for them all	E todas coisas que eu devo fazer Com este elixir eu vou esquecer E os amigos que eu devo ligar – Outro latte para me ajudar
Ponte 2	<i>As I wade through these sweet hot grounds My thoughts swing precious - profane - profound I'll just remain in creative suspension, a misty dimension where my life's earnings will be spent... on this steamy jungle scent</i>	<i>E passando pela doce pó Penso no raro, penso na profunda Eu fico na suspensão, Na dimensão Onde meu dinheiro será gasto... No tesouro tropical</i>
Coro 2	Uma nova cafezinha A burning swirling cup of coffee (That will) release me from my deepest dreams & liberate me from my longings 'caliente cafecita para escaparme de la vida'	Uma nova cafezinha Deliciosa - esta bebida Me libertará dos meus sonhos Me soltará dos meus desejos 'caliente cafecita para escaparme de la vida'
	uma quente cafezinha Pra queimar minha sozinha	Uma quente cafezinha Pra queimar minha solidãozinha

Cabo Verde

Cabo Verde é um arquipélago localizado no Oceano Atlântico que tem dez ilhas: Santiago, Santo Antão, Boavista, Fogo, São Nicolau, Maio, São Vicente, Sal, Brava e Santa Luzia. As ilhas desabitadas foram descobertas e colonizadas pelos portugueses no século XV. Cabo Verde tornou-se um centro comercial para os escravos africanos e mais tarde um importante ponto de abastecimento e reabastecimento para a pesca baleeira e transatlântica. As secas repetidas durante a segunda metade do século XX causaram dificuldades significativas e provocaram uma forte emigração. A população de Cabo Verde descende de escravos da África Ocidental, uma pequena parcela de colonos portugueses e ainda menos italianos, espanhóis e judeus portugueses.

O turismo em Cabo Verde é muito importante. As pessoas podem viajar depois da estação chuvosa, em outubro ou novembro. Para esportes aquáticos são melhores os meses de janeiro e março. A comida que você deve comer, se viajar para Cabo Verde, é a Cachupa. O prato nacional por excelência é encontrado em quase “todas as esquinas”. A Cachupa é uma mistura de milho com banana verde, batata doce, abóbora, tomate, repolho e bacon, entre outros ingredientes.



Para terminar, aqui ficam algumas sugestões da música caboverdiana.
Espero que gostem!

Lucibela: <https://www.youtube.com/watch?v=DHqh2jURiKY>

Lura: <https://www.youtube.com/watch?v=0UADd6g4Hw0>

Cesária Évora: <https://www.youtube.com/watch?v=dtkzI5KAEo8&list=RD5k9etIcE6Uk&index=24>

Blanca Munoz

Elegia dos cínicos

não há pressa
só você chorando
Morta de rir
e Morta depois de tudo
enquanto eu
imaginário
pintando o universo
cobrindo-o com luz
mas não, não há pressa
apenas uma lágrima que corre
avenida central e sem direcionais
THUMBS UP! com calma você freia
vai-se torcendo, sem dobrar nas esquinas
fugacidade do vento e um café da manhã
a janta
na casa da vovó que não espera
porque ele tá como você
Morta de rir
e Morta depois de tudo
enquanto eu vou
em cima desta lágrima
destinada a cair/mas ainda assim
a toda velocidade/mas ainda assim
na crista do tempo
uma onda prestes a quebrar
infinita e tão curta
a minha pobre esperança
então você de repente

o que quer agora?
depois de tanto tempo
você bate na porta
mas por quê? o que quer?
ninguém mora aqui
nesta casa/neste corpo
apenas lembranças
elas dançam como moscas
Você sabe dançar?
THUMBS UP! silêncio
ouça:
não espere pela Morte
surpreenda-a
atire-se em cima
antes que ela interrompa
a sequência dos dias
cheiro de bicicleta tornassol
como um paraquedista
eu salto se você
vai comigo
eu vou-te segurar no ar
Morta Morte dos Mortos
se ela olha para o seu rosto
beije a Morte na boca
meu deus! já vem
THUMBS UP! THUMBS UP!
se apresse
desta vez pode ser

Manuel Zelada Pierrend

Virémia

Sentiu-o de repente
na sua parte mais íntima
como um corte de faca
um passo em falso
a mordidela de um bicho
Esperou
que ele desaparecesse
esqueceu-o completamente
continuou com a sua vida
Mas ele nunca saiu
tornou-se invisível
navegou pelo sangue da sua aorta
perguntou a cada célula
como chegar ao centro
ao séu céntro
andou o coração
em ponta de pés
a garganta em silêncio
fez um mapa do corpo
do séu córpo
Quando ele se virou para ver
para ver finalmente
tinha-o no cerne de seus membros
resmungou
chorou
amaldiçoou
tudo de uma vez e tarde
sempre tarde
finalmente assentiu
acariciou-o no átomo
do séu átomo
foi derrotado
Venceu

Manuel Zelada Pierrend

Uma pequena seleção de enigmas alimentares

O rabanete

Cabelo verde
Barba branca
Assim da terra
Se arranca

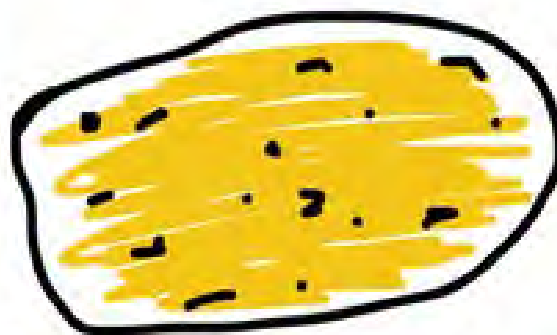


O café

Em uma panela
Ou no fogão
Me beber pela manhã
Não há opção

A batata

Dura nasci
Suave me torno
Depois dum pouco
De tempo no forno



A cebola

Camada por camada
Me revelo a ti
Para que possas
Desfrutar de mim

O peru

Vagueando sem destino
Grugulejando cada passo
Quando me viro para olhar
Não me faz caso



O vinho

Corpo robusto
Aroma floral
Água na boca
Viagem sensorial

Caixões & o DOW*

Isolada na incerteza faço terra do meu medo
Jantando do jardim feito da ansiedade
As notícias não são boas
A gente fica doente



E eu pergunto o porquê
Como se uma resposta pudesse acabar com a morte
Que espero não conhecer

E se passo a sua vontade
a outra pessoa sem querer
Todo mundo fala a mesma língua
De quem desconhecer



Na grama coloco a razão
Ao prever um crescimento abalado
Ficamos fracos enquanto machuca feroz
O pó dos grãos de café que gira no fundo da xícara

O espaço físico que acumula tanto quanto decepciona
As mãos pegadas na janela
As pregas vocais engrossam de não se usarem
Desce a ira assim que se concretiza o intangível
A quem enterraremos na procura de se elevar

*O DOW é um índice do mercado de ações criado no fim do século XIX para mostrar o estado da economia nos EUA. É composto por cerca de trinta empresas nacionais e marca a performance das bolsas. O DOW se limita a quem pode investir no mercado. Deste modo, não representa a totalidade da performance da economia no país. É suscetível de altos e baixos, dependendo dos acontecimentos internacionais, tais políticos e das relações exteriores, nomeadamente o comércio. É preciso sublinhar que nem sempre é considerado um índice confiável porque quem o incorpora são empresas grandes e não utilizam métricas ponderadas significativas, como a média aritmética ou a capitalização de mercado.

To Live is to Understand

Understand that life isn't always hugs
and kisses,
but it is the best part.

Understand that when you fall, that you
are made to rise
like the sun on a new day.

Understand that what you consume will
come out in return,
so be mindful of what you intake.

Understand what it means to be open,
because culture comes from all over and
that differences make new ideas.

Understand what It means to listen,
by closing your eyes and opening up
your heart.

Understand that what's behind you
helped you move forward,
so remember to always leave a thank
you note.

Understand what it means to sacrifice,
by giving your all even when it goes
unseen.

Understanding is the key.
The key to life.

Julien A Phifer
University Of Wisconsin Milwaukee,
Senior, Fall 2020
Psychology
japhifer@uwm.edu
linkupgreatness@gmail.com

Viver é Entender

Entenda que a vida não é sempre abraços
e beijos,
mas é a melhor parte.

Entenda que quando você cai, você é feito
para subir
como o sol em um novo dia.

Entenda que o que você consumir sairá
em troca,
então esteja atento ao que você absorve.

Entenda o que significa ser aberto,
porque a cultura vem de toda a parte e as
diferenças criam novas ideias.

Entenda o que significa ouvir,
fechando os olhos e abrindo
o coração.

Entenda que o que está além de você
o ajudou a avançar,
lembre-se de sempre deixar uma nota de
agradecimento.

Entenda o que significa sacrificar,
dando tudo de si mesmo quando isso
não é visto.

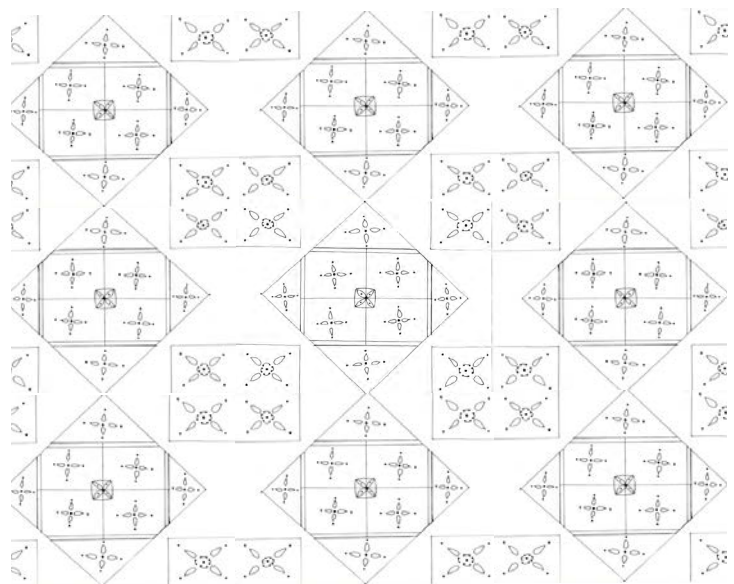
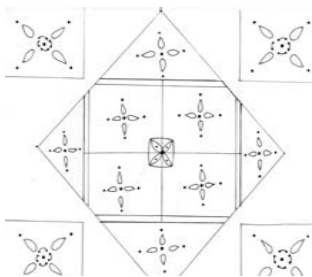
Entendeer é a chave.
A chave da vida.

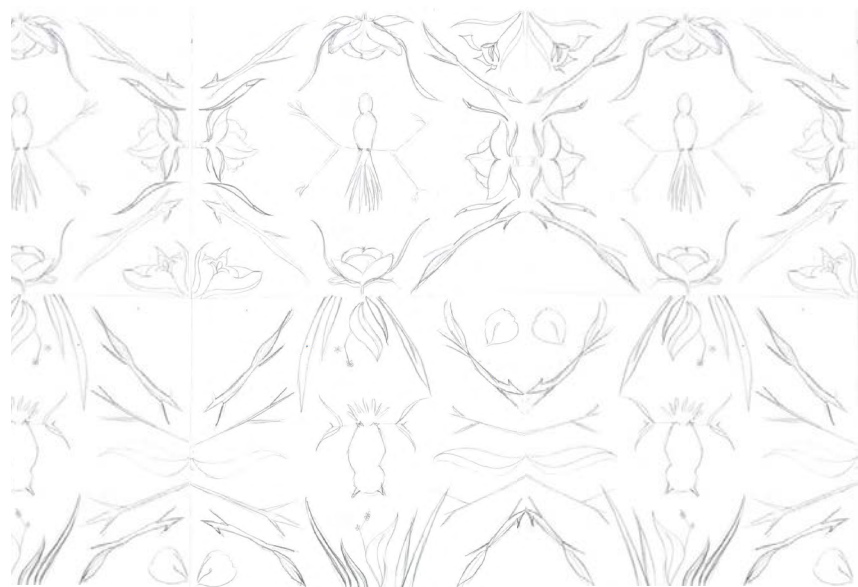
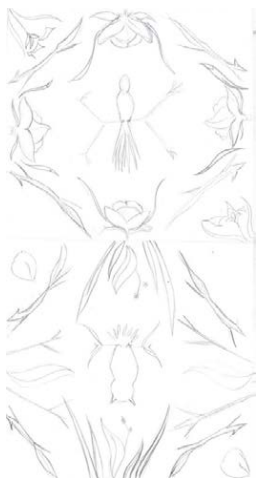
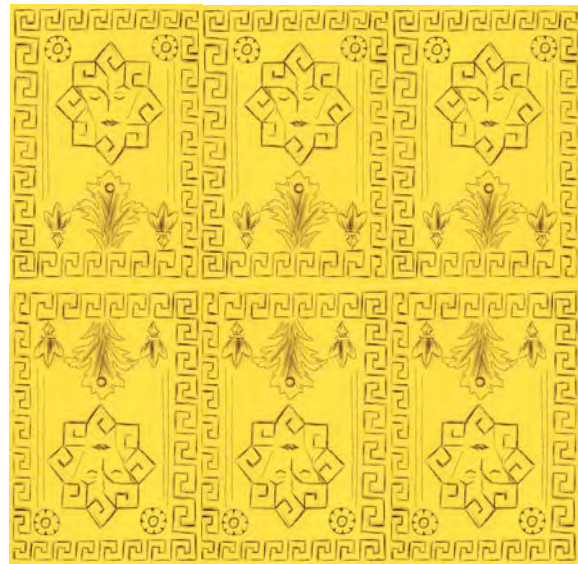
Tradução: Amira Rupnick, Port. 699

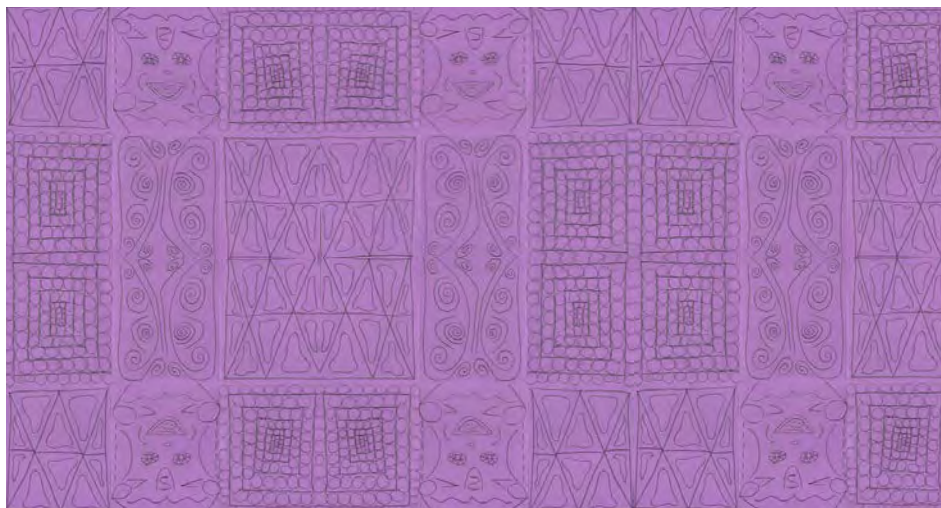
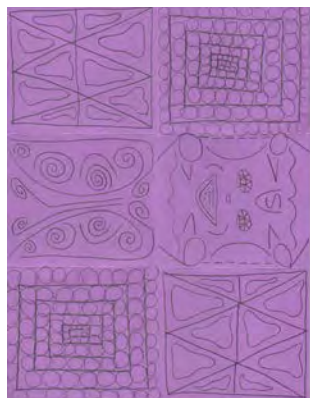
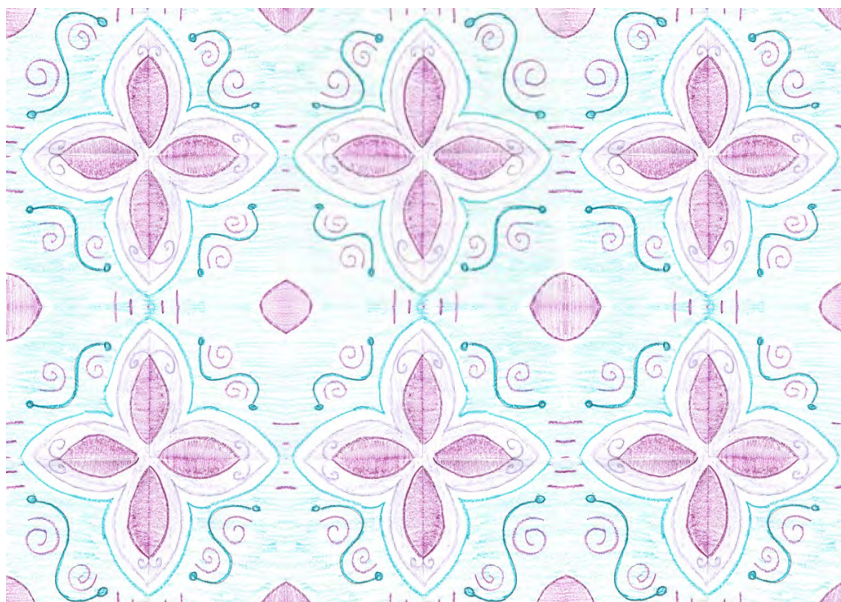
Port. 360 - Criação de Azulejos

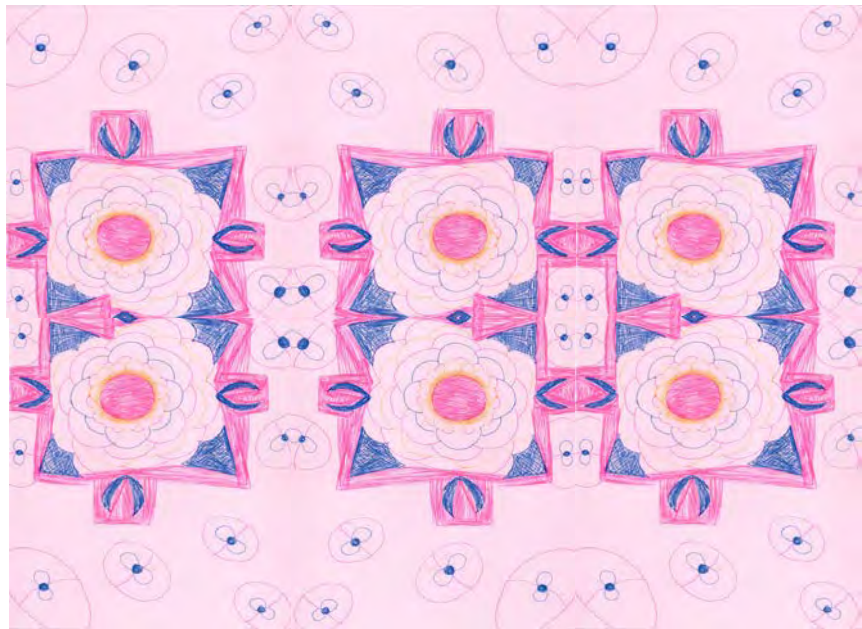
Na aula de Português 360, The Visual Arts of the Lusophone World nós focamos, entre outros, o tema de uma arte muito influente no mundo lusófono - a arte do azulejo. Estas cerâmicas, de origem árabe, apresentam, normalmente, as cores azul e branco que decoram as cidades de Portugal e alguns lugares do mundo lusófono que foram influenciados pela cultura portuguesa. Embora muitos países apresentem a arte dos azulejos, a diferença aqui é que o azulejo faz parte da arquitetura do país. Podem ser encontrados em igrejas, palácios, estações ferroviárias e, hoje em dia, também aparecem em restaurantes e habitações. Então, para comemorar a beleza dos azulejos, nós criamos nossas próprias obras de arte. Espero que gostem!

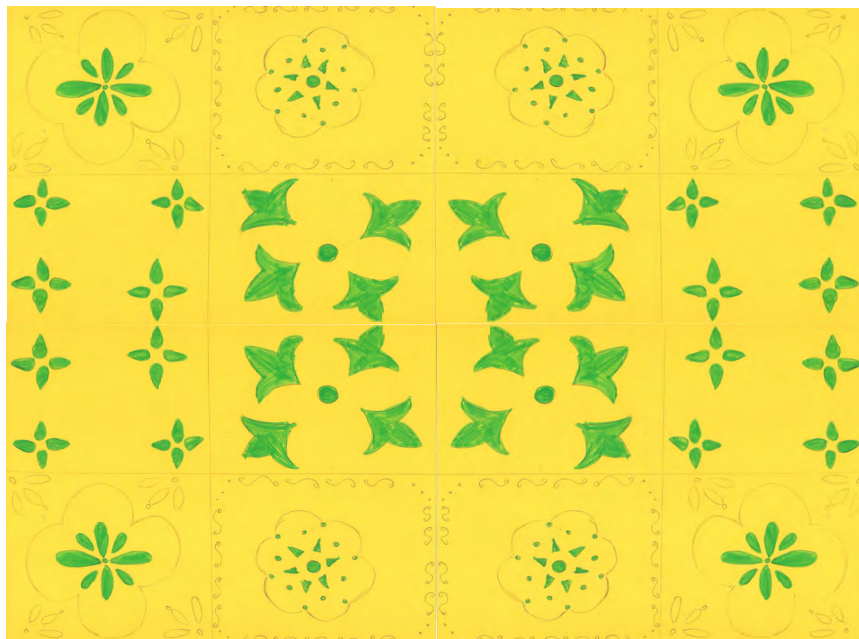
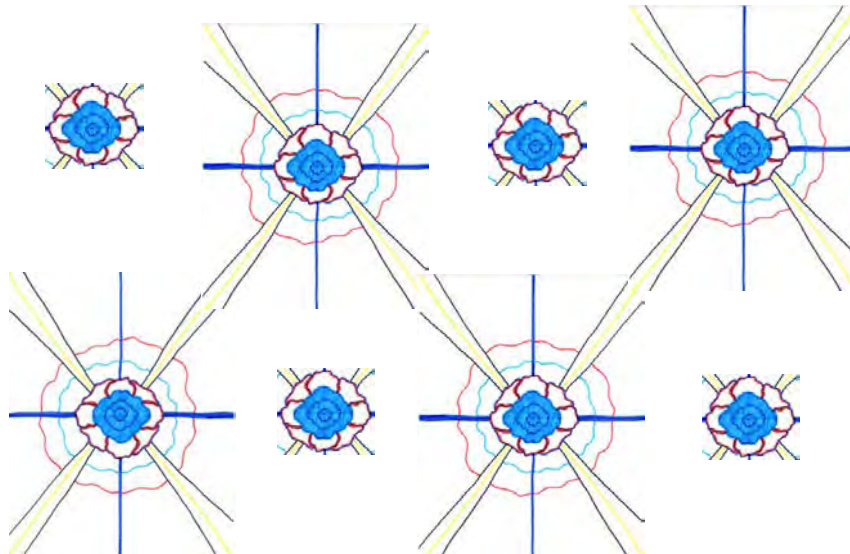
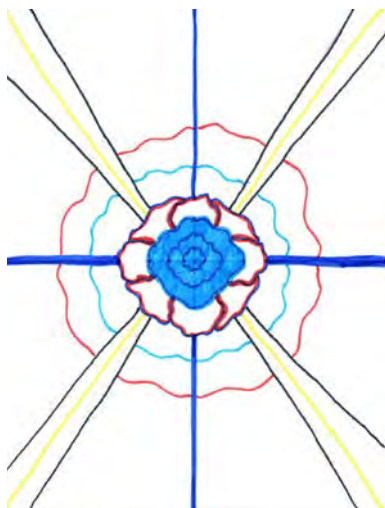
Ryan Ammerman, Port. 360

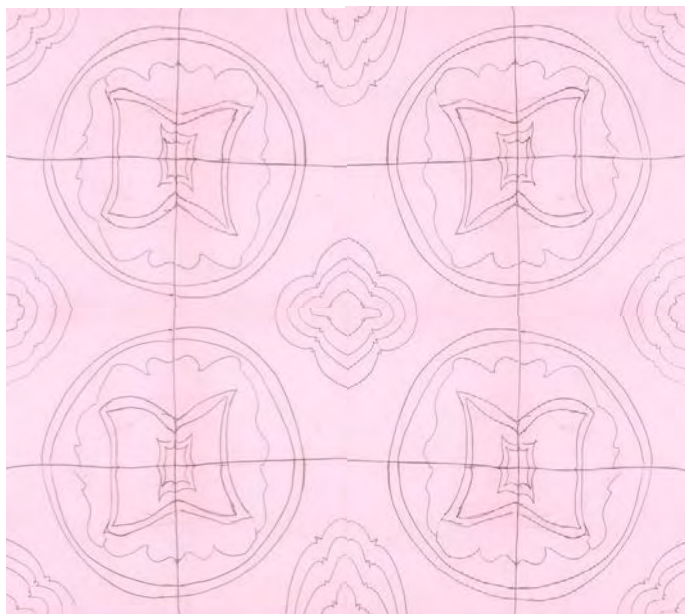
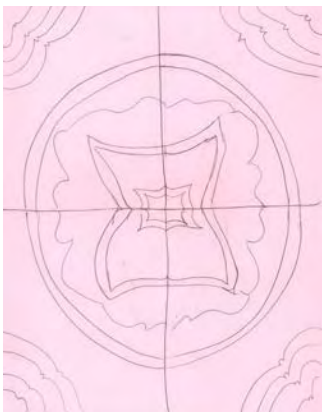
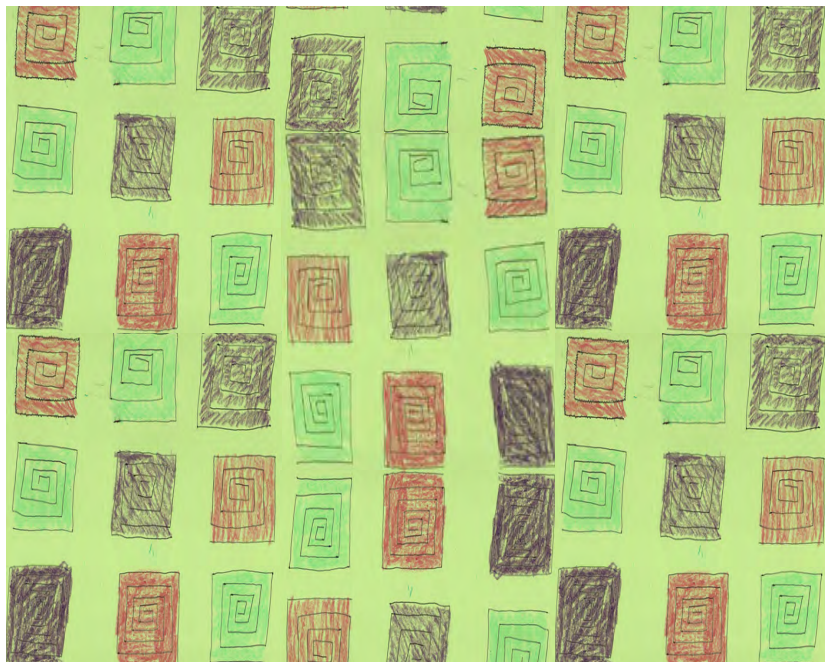


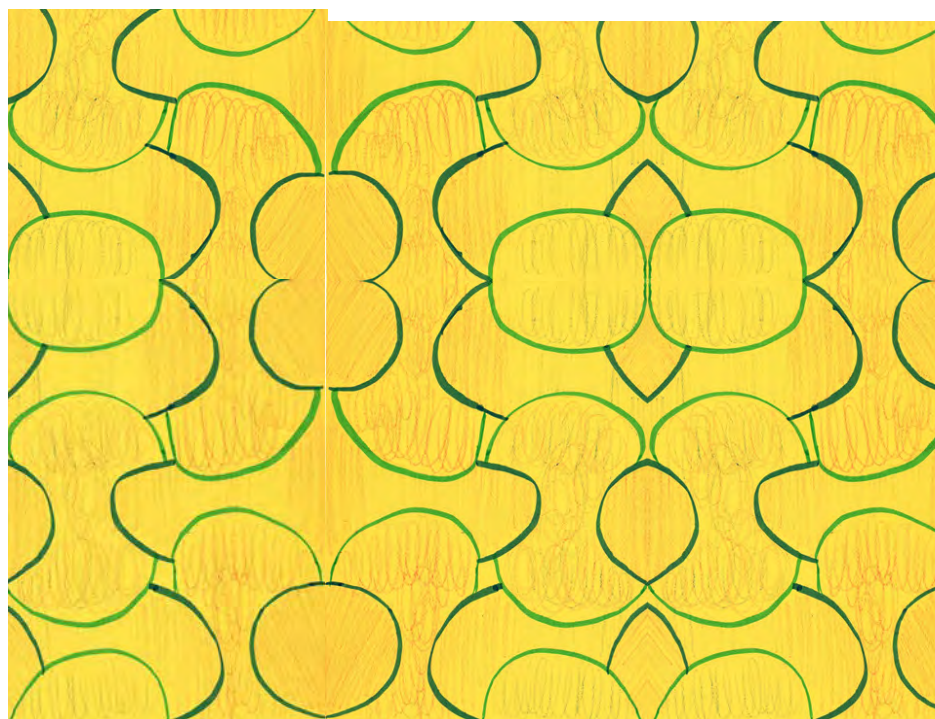
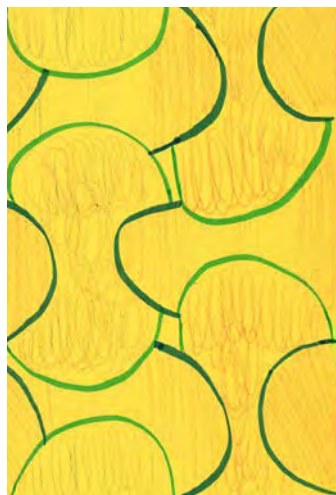
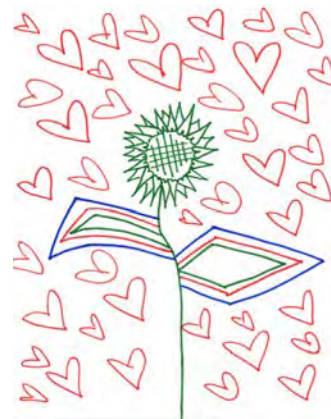
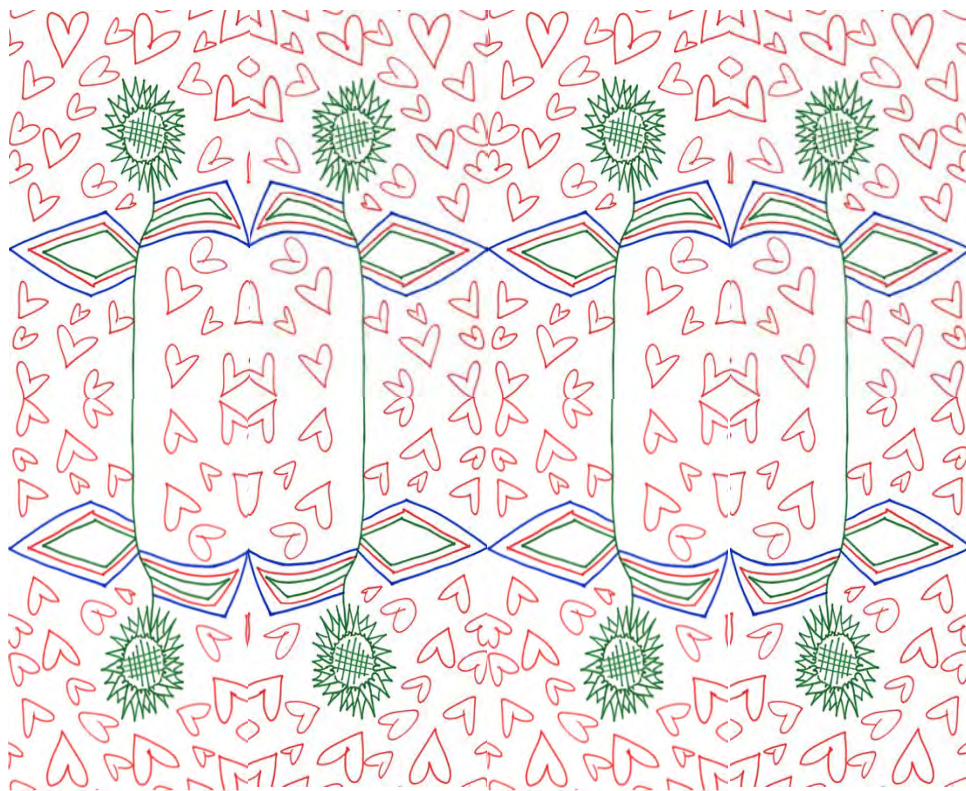












Criação

Estas duas canções no estilo bossa nova, “Criação” e “Respiro de Verão”, foram escritas originalmente para a aula de Português avançado, na UWM no ano 1989. A classe foi ensinada por uma professora Brasileira chamada Iliana, que morreu de leucemia alguns anos mais tarde. Agora, em 2020, eu refinei palavras e frases para ampliar o significado de cada canção. Eu fiz estas revisões na aula de Português ensinado por Dra. Susana Antunes que frequentei como audit na primavera.

“Criação” celebra a terra, as montanhas, o céu, a natureza e a experiência do ser humano vivendo com uma esperança cheio de cores-spirituais. É uma canção sobre a reflexão e o agradecimento.

Quando vejo a Sua criação	When I see Your creation
Eu não sei	And I think
Como estas coisas podem ser	You did it all in seven days
Eu não trato de as explicá	I can't pretend to explain You
Só Lhe quero agradecer	Only want to thank You
Pelo fazer...	And be amazed...
<i>Das montanhas roxas</i>	<i>At the mountains that live</i>
<i>Dos rios que com rubor</i>	<i>And the rivers that blush</i>
<i>Na chuva cinza</i>	<i>When the rain swells (in the gray rain)</i>
<i>Eles se refletem em Você</i>	<i>All Your works reflect You</i>
<i>Sua grandeza</i>	<i>Your magnificence</i>
<i>Seu coração</i>	<i>Your quiet heart</i>
Onde quer que você esteja	And wherever you may wander
Ali também existe	by your side there'll be examples
Seu amor	of God's love
Sou feliz por fazer parte	I'm just content to be part of
Desta obra de arte	This living work of art that was
pintada pelo Senhor...	Painted with the Son...

Bossa Nova feel, Darele Bisquerra, abril 1990, 2020

Respiro de Verão

“Respiro de Verão” fala de um momento que não é exato, que é difícil descrever. Embora o momento quando o verão muda para outono se chame o equinócio, um termo científico, também deve ser considerado como uma experiência emocional de transformação. As personagens conversam sobre a antecipação de algo novo, quando muda o ar, a luz e a sensibilidade ao nosso redor.

Quando um respiro de verão pára e deixa que o outono comece Então as criaturas conversam Suspiram por nova mudança	When the summer heat relents to an autumn breeze And the cool of the air agrees Then the smallest of creatures converses And whispers of pleasant reversals
E o rosto do tempo que muda Troca cabeça e volta sua expressão Que cai na nova estação	And the face of the season that passes Changes expression and glances Turning its head Wistfully heading for bed
O plano chama o profundo O movimento tenta o parada O crepúsculo salta o vão Tentar o eclipse Seduzir o equinócio	Shallow calls to the deep and the moving teases the still The amber dusk must jump the fault To lure the eclipse To woo the equinox

Uma Mosquinha na Parede

“Porra!” “Porra!” – gritou o homem velho.

“Ô Pai, o qué foi?” – perguntou a sua filha. “Tem a ver com a sua doença ou trabalho?”

“Os dois.” – resmungou ele.

“Sinto muito, Pai. O que cê quer? Um vasinho de água?”

“Pod’ ser.”

A tormenta da enfermagem sucedeu a este homem, coitadinho! Tem três meses que está com a doença e só tem piorado. Falta a esperança. Todo dia ele está tossindo sem parar. Todas as pílulas que tem que tomar, apenas engole por causa do refluxo de vômito.

“Pai, por favor, descansa, senta’qui. Pode assistir o que você quiser.” – encorajou a filha.

“Daqui a pouco. Vou fazer isto primeiro” – se referindo trabalho.

A filha voltou a assistir ao show distraída pelas tosses intermináveis e preocupantes. Passou um minuto seguido a tossir e olhou o seu pai de pé, com os olhos fechados, pendurando à mesa.

“Pai, vou pegar uma água. Cê quer um LaCroix?”

“Quero, sim, Bri*tosse*ga*tosse*do*tosse.”

Ela pegou a água e notou a falta de ar no seu pai. Ela não sabia como olhar seu pai sem pena. Ela não sabia se esse era o apoio correto. Ela queria perguntar ao pai o que queria que ela fizesse mas nem ele sabia.

“Porra, Porro!” - ele reclamou sem ar.

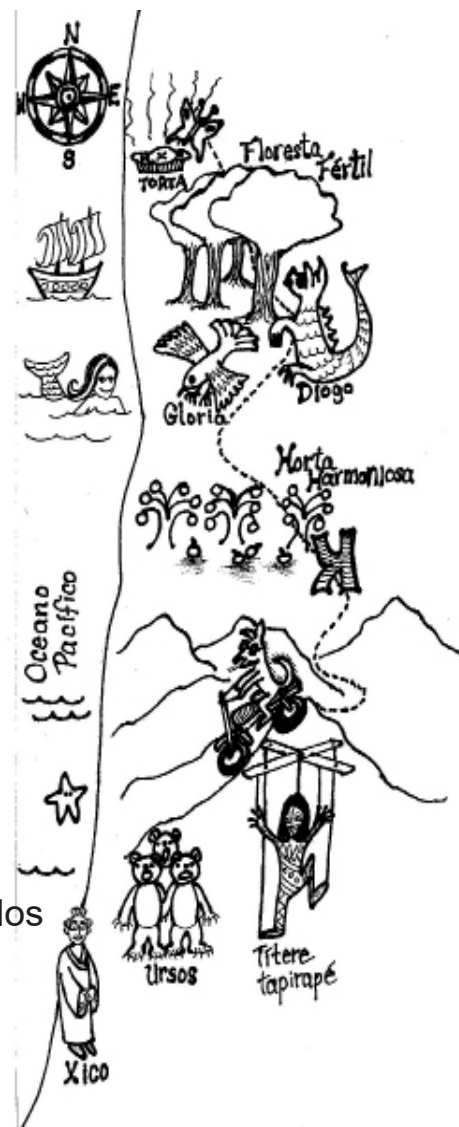
É difícil para a menina. Não pode fingir que tudo está bem. Ela está cheia da doença do pai mas não reclama porque não ajuda. Ela voltou a assistir ao show.

Uma diversão

Senhoras e senhores, meus caros leitores,

Vamos ver se vocês podem ler a seguinte historinha de uma só frase com um só respiro de ar.

A torta foi devorada pela
Borboleta Branca, que voou por cima do
Cão Caetano e o seu companheiro,
Diogo o Dragão, os quais estavam
Esperando entrar na
Floresta fértil em busca da
Gaivota Glória para irem todos juntos à
Horta harmoniosa e,
Imediatamente depois,
Jogar alguns jogos com a letra
K, uma letra muito
Legal, e depois,
Montar umas motocicletas
No caminho natural até
O Oceano
Pacífico, caminho
Que não tem
Rua reta nem rumo rápido, nem
Sinais simples de "Não
Transpor o terreno" por causa dos títeres tapirapés e dos
Ursos utópicos que ululam com os
Vovôs visionários que vocalizam, lá em
Wisconsin, chamados
Xico o Xintoísta de Xique-Xique,
Ynes a Inventora, idosa e inimitável, e
Zé o Zafimeiro do Zêzere.



Obrigada por estes versos terem sido lidos. Foram bem-sucedidos? Os pulmões não ficaram doridos? Que os vossos desejos, grandes e pequenos, sempre sejam cumpridos!

Susan H. Brody

Os Meus Desportos

Os desportos são muito importantes para a gente praticar porque são vitais para crescer. Quando era um menino, eu gostava de jogar muito basquetebol quando estava na creche. Eu era amigo com as crianças da cuidadora, que chamavam Jonathan e Alex. Por causa disso, era permitido jogar sempre com eles. A cuidadora, que se chamava chama Nati, tinha uma área para jogar basquetebol perto de um parquinho dentro do quintal dela. Meus amigos e eu jogávamos um jogo que chama em inglês “Horse” e que é muito bom para praticar os nossos lances. As regras eram: quando um jogador lançava a bola para qualquer lugar, e se ele/a fazia o ponto, os outros jogadores precisavam de fazer o ponto no lugar exatamente que o/a jogador/a lançara previamente. Se os/as jogadores/as não pudessem fazer o ponto, eles obtinham uma letra da palavra “Horse”. Se um/a jogador/a tinha todas as letras da palavra “Horse”, eles perdiam. Este jogo era um jogo muito divertido para nós e por causa disso, eu posso lançar uma bola muito bem!

Agora, eu não pratico muito desportos frequentemente porque não tenho muito tempo para ir ao ginásio, mas, quando posso, eu gosto de jogar voleibol. Voleibol é um desporto muito complicado e precisa doze pessoas para jogar. A pessoa individual tem uma função que é muito importante para jogar. Dentro da quadra de voleibol, são seis jogadores/as em cada lado. Ambos os lados têm três jogadores/as na primeira fila e três na fila de trás.

Na frente tem um levantador que lança a bola para os atacantes que estão na esquerda e na direita. O levantador também é o responsável pelo controle da bola. Os atacantes são responsáveis por lançar a bola sobre da rede, ganhando pontos. E quando o outro time está atacando, o levantador e os atacantes precisam bloquear o lance.

A fila de trás tem um jogador/a que está liberto. O liberto tipicamente tem uma posição mais “curta” porque ele é o responsável pela recuperação da bola quando os atacantes do outro time batem a bola sobre a rede. Os outros jogadores/as que estão na esquerda e na direita são responsáveis para recuperar a bola quando os atacantes do outro time batem a bola sobre a rede também, mas, eles/as estão focados/as na esquerda e na direita da quadra, e o liberto está focada no meio.

Quando os times estão coordenados, o jogo de voleibol pode levar muito tempo!



Vanessa Reuter

A ESCOLHA DE...

Emily Ruder - Port. 204

Adelaide Ivánova é uma poeta e artista brasileira. Neste momento, ela vive na Alemanha. Sua primeira coleção de poesia, O Martelo, ganhou o Prêmio de Poesia do Rio de Janeiro, em 2018. Muitos dos seus poemas foram traduzidos para serem compartilhados em todo o mundo.

Gosto deste poema porque é um pouco peculiar e também fala sobre como o lixo é percebido. O lixo não é o que está na lixeira, mas o que está no chão. Gosto de poemas sobre problemas ambientais. O poema mostra lixo no chão e não na lixeira.

o meio-confesso

ao jogar lixo
no lixo e o lixo
não entrar no
lixo o que vale
não é a intenção
meia-confissão
há de voltar atrás
lidar com o lixo
pegar o lixo com a
mão terminar a
ação um lixo no
lixo não é lixo
o que faz o lixo
não é o cesto
o que faz o lixo
é o chão.



Adelaide Ivánova

Pensamentos...

Port.104

**Eles me disseram que seria uma ótima década.
E então o vírus chegou.**

Maia Diedrich and Stephany Castenada-Reyes

**Eu acordei, o sol bateu na minha cara.
Estou feliz outra vez.**

Dahyembi Neal

**Quando começamos não sabíamos nada.
Agora somos praticamente brasileiras.
Férias de verão não serão tão ruins porque somos
gênios portugueses.**

Belinda Dorn, Naomi Esquivel e Desirae Henry

**Eu acordei. Eu estava com fome.
Eu comi frango, agora não estou com fome.**

Billy Dan

Bossa Azul (Blue Bossa)

(“jazz standard tune” sem letra, escrito por Kenny Dorham)

Letra em Português – Darele Bisquerra, junho 2009, versos 1,2 e 2020 versos 3, 4

Frequentemente, quem escreve a música não pensa nas letras. Isto permite um espaço para contar uma história mais profunda com palavras que aumentam o sentimento da melodia. “Blue Bossa” é uma composição linda que foi escrita nos anos 1940s por Kenny Dorham. Eu estava encorajada a respirar uma nova vida na canção. Por isso, escrevi novas palavras em Português, uma língua que é, ao mesmo tempo, suave e expressiva.

Nesta letra, eu usei o título “Blue Bossa” e o enchi com mais significado. O céu não é somente azul; tem muitos tons de cor e luz. E a disposição tem esperança em vez de tristeza enquanto vemos que os caroços, os limões e o horizonte estão pintados pelo ouvinte, enquanto o cantor partilha o modelo do Latim jazz.

	Cantada	Tradução - não cantada, exceto #3
1	Olha lá você - meu céu azul Não é chuva cinza nem nuvens A tristeza abaixo do arco-íris espera um beijo quente só do sol	Look over there – my blue sky There is no longer gray rain, nor clouds Sadness beneath the rainbow Waits for a warm kiss only from the sun
2	Meu céu azul é minha afirmação Da esperança nova em meu coração Caroços verdes crescem no amanhecer Aroma alaranjado de viver	My blue sky is my affirmation It gives new hope to my heart Green vines grow in the dawn Orange aroma of life
3	Os tons colidem no meu céu Limão de folha nova e Índigo Facetas do resplendor Suspiros obrigam A azul-água que Nos elucida	The color of my sky – the hues collide Indigo & lime before my eyes Facets of the brightness soon my sighs oblige The muted blues & moods that make us wise
4	A cor do meu céu é a grandeza Verde e limão e turquesa As luzes iluminam em instância Azulejos na distância	The color of my sky - magnificent Leaf green, lemon yellow and turquoise Lights illumine the brilliance (like) Tesserae tiles in the distance

Inês Nunca Morreu



Túmulo de Dona Inês de Castro no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa - Portugal

Sejam elas estruturas maciças cheias de grandes riquezas ou sarcófagos delicadamente esculpidos, as tumbas da realeza falecida tendem a ser elaborados. Eles são úteis como monumentos finais da vida e o legado do governante que os construíram e sua sobrevivência nos dizem muito sobre as culturas que sucederam seus impérios. Quinhentos e cinquenta anos atrás, Inês Perez de Castro foi executada na manobra brutal da coroa portuguesa. Uma vez que a ladainha de brutais execuções que movimentaram as peças do xadrez 4D, que é a história da realeza Europeia, a Inês se deve mais que uma nota de rodapé e ainda assim sua história sobreviveu por cinco séculos, parcialmente devido à sua tumba. Os poetas e os dramaturgos da Europa, enumeram-nos com o Romeu e Julieta de Portugal.

Inês Perez de Castro foi a filha do Pedro Fernández de Castro, um neto bastardo do Rei Sancho IV de Leão e Castela (M., 2009). Sua prima, a Infanta Constança de Castilha, foi escolhida para se casar com Dom Pedro, o filho de Dom Afonso IV e herdeiro do trono português, e assim Inês viajou de Espanha para Portugal como membro da comitiva de sua prima. Constança e Pedro se casaram, como esperado, em 1340, e os olhos de Pedro se viraram para longe de sua esposa, também como esperado (Booker, 2013). A realeza sempre insistiu em dizer “a grama do vizinho é sempre mais verde.”

A atenção do reino se voltou para Inês e o assunto não fugiu a Constança que, silenciosamente, acabou fazendo sua prima madrinha de seu bebê, Dom Luís, pretendendo por fim a um caso incestuoso entre Dom Pedro e Inês, uma situação condenada pelas leis da igreja Católica. Infelizmente, a criança não viveu mais do que um ano (Messalla, 2009). Inês foi exilada pela corte portuguesa alguns anos depois, em 1344, por Dom Afonso IV (Brooker, 2013).

A Infanta Constança morreu no 13 de novembro de 1345, logo a seguir ao nascimento de seu terceiro filho, Dom Fernando, que se iria tornar o Rei de Portugal (Booker, 2013). Logo após Dom Pedro trouxe Inês de volta à corte portuguesa apesar dos protestos de Dom Afonso (Booker, 2013).

Mesmo pedido para ter como esposa outra Castelhana, Dom Pedro disse que ainda estava lamentando a perda de Constança e não podia pensar em substituí-la. Apesar desta declaração, Dom Pedro e Inês estabeleceram-se no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, Portugal, e decidiram ter quatro filhos (Booker, 2013). Dom Pedro também cultivou um relacionamento com o irmão de Inês, Álvaro Fernando de Castro, que o encorajou a buscar o trono Castelhana (Messalla, 2009). Esta proposta ameaçou o tênue relacionamento entre Portugal e Espanha. O caso adúltero entre Dom Pedro e Inês expôs a imagem de Portugal, algo que Dom Afonso IV não permitiria. Enquanto Dom Pedro estava caçando, Inês foi assassinada na frente de seu filho em sua casa em Santa Clara-a-Velha, em janeiro de 1355 por três cortesãos de Dom Afonso: Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco (Messalla, 2009).

Este ato fomentou uma crise na corte Portuguesa, pondo Dom Pedro e os Castros contra Dom Afonso IV (M., 2009). Forçado a se reconciliar poucos meses depois pela rainha, Dona Beatriz de Castela, Dom Pedro escolheu aguardar o tempo. Depois da morte do seu pai em 1357, Dom Pedro tomou o trono e prontamente teve o coração arrancado de dois dos assassinos de sua amante - o terceiro escapou para França (Booker, 2013). Em 12 de junho de 1360, Dom Pedro declarou que ele e Inês se casaram em Bragança em uma data desconhecida e que seus filhos eram legítimos herdeiros da Casa de Bragança. Dona Inês foi coroada rainha postumamente com grande cerimônia no Mosteiro de Alcobaça em 2 de abril de 1361 (Messalla, 2009).

O corpo de Dona Inês descansa no Mosteiro de Alcobaça numa tumba de calcário branco construído por um artista desconhecido entre 1358 e 1361 (Pereira, 2013). Através dos séculos, a tumba foi movida severas vezes antes de ser colocada em seu atual local - o lado norte do transepto sul da igreja - encarando a tumba de Dom Pedro como ele tinha originalmente intencionado (Pereira, 2013). Ambas as tumbras são decoradas com ornamentos de estilo gótico, com esculturas em suas tampas e nos quatro lados (Pereira, 2013). Uma efígie esculpida de Inês adormecida vestindo sua coroa e segurando seu pendente e uma luva - possivelmente de Dom Pedro - e na outra, rodeada por seis anjos que, muito ocupados, alisam as rugas do vestido, ajustam o ângulo de sua cabeça e de seu travesseiro, adornam a tampa da tumba da rainha póstuma (Pereira, 2013). Os lados do sarcófago são adornados com esculturas bíblicas representando a vida de Cristo com seu crucifixo na cabeça e o Dia do Julgamento aos pés (Pereira, 2013). O sarcófago descansa nas costas de seis criaturas esculpidas com rostos humanos. No lado esquerdo, os rostos são claramente dos três homens que se julga serem os assassinos de Inês (Oregon Expat, 2013).

As tumbas não sobrevivem sem dano. Mal reparadas após o Terremoto de Lisboa de 1755, as tropas francesas pilharam a biblioteca do mosteiro e as tumbas em 1810 em busca de joias e de textos preciosos, tendo incendiado grande do Mosteiro (“Alcobaca Monastery,” n.d.). Uma parte do relevo do lado direito da tumba de Inês fora roubado durante a pilhagem, assim como várias das asas dos anjos (Messalla, 2016). Apesar disto, as Tumbas de Dona Inês e de Dom Pedro são consideradas dois dos grandes exemplos das esculturas Portuguesas do século XVI (“Alcobaca Monastery,” n.d.).

Julgar a história é difícil. É fácil olhar a história através de lentes modernas - é assim que vemos o mundo, afinal - e ainda os eventos que transpiraram e afetaram pessoas com leis e uma moral completamente diferentes, baseadas em seus conhecimentos do mundo. Nós não vivemos mais numa sociedade dividida entre realezas e comuns, legítimos e ilegítimos herdeiros. Nós, como sociedade, não nos casamos por laços políticos e ou riquezas, e nos sentimos estranhos olhando para quem ainda pensa assim. Nós os rotulamos como “garimpeiros”. Inês de Castro não viveu em nossa sociedade, mas viveu numa sociedade onde casamento era uma ferramenta que prevenia guerras e fome. Ela, como filha de um filho ilegítimo de um rei, estava ainda atada à Casa de Castela e era, portanto, uma peça política. Em vez de ‘se casar’, ela seria ‘casada’.

A minha pesquisa sobre Inês e sua bonita tumba tinha como objetivo ver onde poetas e dramaturgos encontraram motivos para o romance que vi como simples história de impulsos. Talvez houvesse alguns coniventes e uma clara falta de pensamento, mas essa não é a parte que a história gravou. Inês não foi lembrada por seus motivos, seja lá quais foram, mas por seu desejo de estar com seu príncipe, e sua tragédia que pôs fim à sua curta vida. Ela é lembrada pela determinação de Pedro por ter feito dela sua rainha apesar do curto destino que a mão lhe deu. Com um coração e uma tumba talhada em calcário, ele a eternizou

Inês amou Pedro - isso foi tão simples e trágico. Assim...

Bibliografia

- Alcobaça Monastery. (n.d.). Retrieved from <http://www.sacred-destinations.com/portugal/alcobaca-monastery>.
- Black, A. (n.d.). Tomb of Inês de Castro. Retrieved from <https://www.atlasobscura.com/places/tomb-of-ines-de-castro>.
- Booker, Lynne. (2013, Jun.). The Tragic Story of Inês de Castro. Retrieved from <https://www.algarvehistoryassociation.com/en/portugal/191-the-tragic-story-of-ines-de-castro>.
- M, E. (2009, November 1). Inês de Castro : The Queen Who Was Crowned After Death. Retrieved December 2, 2019, from <http://www.theroyalarticles.com/articles/71/1/Ines-de-Castro-The-Queen-Who-Was-Crowned-After-Death/Page1.html>.
- Messalla. (2016, Jan. 19). Portugal: Alcobaça [Web log post]. Retrieved from <https://corvinus.nl/2016/01/19/portugal-alcobaca/>.
- Nozick, M. (1951). The Inez de Castro Theme in European Literature. *Comparative Literature*, 3(4), 330-341. doi:10.2307/1768865
- Oregon Expat. (2013, Sept. 21). The tombs of Pedro and Inês [web log post]. Retrieved from <https://oregonexpat.wordpress.com/2013/09/21/the-tombs-of-pedro-and-ines/>.
- Pereira, B. H. (2018, August 7). King Pedro And Inês de Castro - What Life Took Apart, Death Put Back Together. Retrieved from <https://www.dailyartmagazine.com/king-pedro-and-ines-de-castro/>.

Estudar Português é Como Fazer Exercício

No início, é muito difícil e pode nos cansar,

**mas com tempo,
seu conforto e confiança aumentam.**

**Suas habilidades melhoram
e as pessoas podem ver
os resultados do seu esforço.**

**Tudo se torna mais fácil
e se torna uma ótima experiência.**

**No final,
seu rosto de luta
se torna um rosto de sorrisos.**

Naomi Esquivel, Port. 104

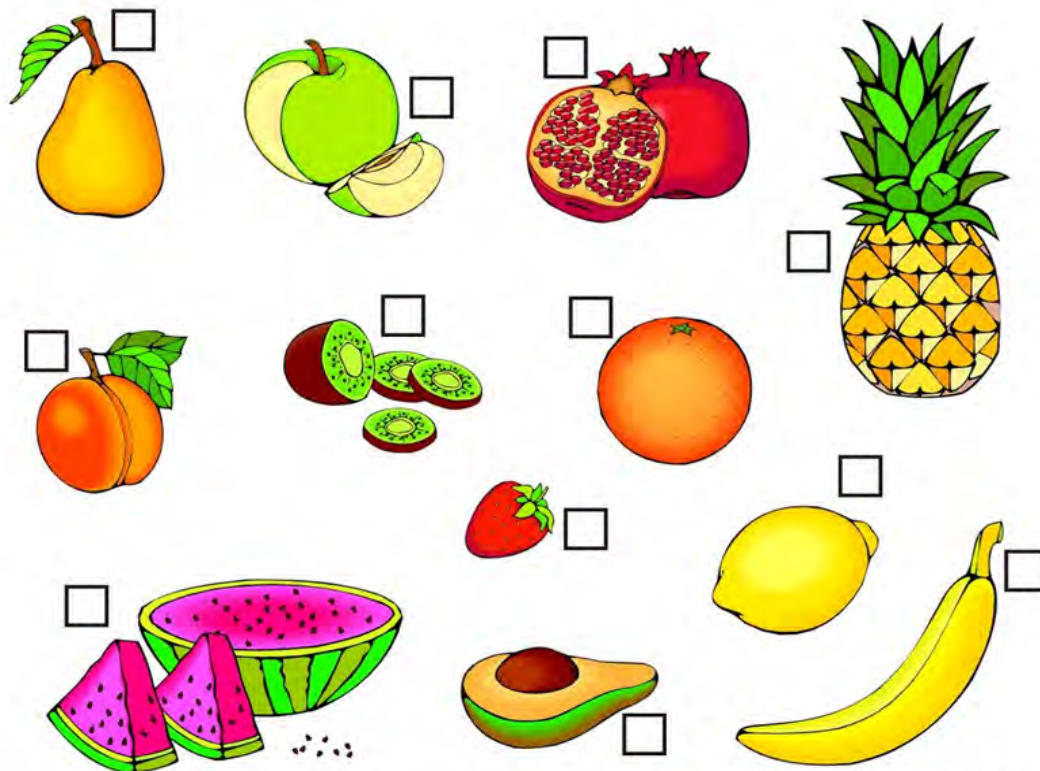
Passatempos ...

em três tempos!!!

SALADA DE FRUTAS

Encontra as frutas representadas abaixo.

A	R	L	A	R	A	N	J	A	Q
N	S	P	Ê	R	A	I	Z	D	E
A	G	I	T	B	A	N	A	N	A
N	O	Ã	M	O	R	N	U	F	I
Ã	M	O	R	A	N	G	O	B	C
S	C	G	F	Ã	C	A	M	D	N
P	Q	U	I	V	I	L	C	Ã	A
R	A	Ã	J	L	O	Ã	M	I	L
E	T	A	C	A	B	A	B	R	E
P	P	Ê	S	S	E	G	O	T	M





ADIVINHAS

Quem é quem é...
Que percorre encostas
Com a casa às costas?

Quem é, quem é...
Que é tão perfeito
Para ser usado ao peito?

Susana L. M. Antunes

Soluções:

 o amor-perfeito

 o caracol

